

FRANZ KREÜTHER PEREIRA

**PAINEL DE LENDAS & MITOS
DA AMAZÔNIA**

**Trabalho premiado (1º lugar) no
Concurso "Folclore Amazônico 1993"
da Academia Paraense de Letras**

Revisado e ampliado pelo autor

Belém-Pará
2001



SUMÁRIO

AO LEITOR, 4

DEDICATÓRIA, 5

PREFACIO, 6

1ª PARTE

FOLCLORE, 8

O MITO, A MITOLOGIA E O SÍMBOLO, 10

A IMAGINAÇÃO, O SONHO E O MITO, 13

O MITO: CONCEITOS, 16

AS ÁGUAS COMO GERADORAS DE MITOS, 20

O MITO DE DEUS E DO DIABO INDÍGENAS, 22

O MITO REGIONAL x A CATEQUESE, 24

A PRESENÇA DO ANIMAL E DO SEXO NO MITO, 27

CLASSIFICAÇÃO, 30

2ª PARTE

AS AMAZONAS, 33

O BOTO, 34

IARA, 36

CAAPORA, 38

MAPINGUARI, 39

CURUPIRA, 40

JURUPARI, 44

MACUNAÍMA, 46

MAVUTSINIM, CURU-SACAEBE, SUMÉ E BEP-KOROROTI, 47

ANHANGÁ, 49

MATIN OU SACI, 51

TINCUÃ, URUTAU E CANCÃO, 53

CAURÉ, 54

UIRAPURU, 55

CÃOERA, 56

MUIRAQUITÃ, 57

CUNAUARU, 59

JAPU OU JAPUAÇU, 60

JAPIIM, 61

JURUTAÍ, 62

ANU-COROCA E UACAUÃ, 63

JURUTI-PEPENA, 64

TAJÁS, 65

VITÓRIA-RÉGIA, 67

LENDA DO AÇAÍ, 68

LENDA DA MANDIOCA, 69

CHIBUÍ, 70

BOIÚNA, 71

COBRA NORATO, 75
A PEDRA DO REI SABÁ, 76
NAVIOS FANTASMAS, 79
CY OU CI (MÃE), 80

3ª PARTE

O MITO, OS ELEMENTAIS E OS EXTRATERRESTRES, 82
CONTATOS COM ELEMENTAIS OU COM UFONAUTAS?, 84
UMA BREVE ABORDAGEM ECOLÓGICA, 88
CONCLUSÃO, 89
BIBLIOGRAFIA, 89

BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR, 92

AO LEITOR

Este trabalho quer mostrar que os mitos e lendas hileanas não morreram, eles estão aí, escondidos nas sombras das cidades, esperando que a fantasia retorne numa noite qualquer, entre uma falta de energia elétrica e um conserto do aparelho de televisão.

O que apresento aqui, é o fruto de minhas horas de lazer e espero que seja, de algum modo, prazeroso também a você que o tem em mãos. Não é obra de um erudito ou esperto no assunto. Assim, se houver dados ou informações que queira corrigir ou acrescentar, use e abuse das margens deste volume e terei o máximo prazer em lhe dar um outro novo em troca do seu riscado.

AO LEITOR

(para esta edição on-line)

Como se pode perceber, o texto acima foi para a primeira edição, impressa me papel. Como naquela época eu não tinha microcomputador e nem as vantagens do correio eletrônico e do e-mail, fazia a proposta da troca, que não está mais em vigor. Para qualquer contribuição ou comentário que queiram fazer, meu endereço eletrônico vai abaixo.

Apesar de ter recebido proposta de uma renomada casa editora de Belém para publicar uma segunda edição, decidi disponibiliza-lo **inteiramente grátis** na Web, através da Virtual Bookstore, tendo em vista dois aspectos: 1 – para mim o importante não é vender o livro, mas divulgar e disseminar a cultura amazônica no que ela tem de mais visceral, seus mitos e lendas; 2 - por considerar o trabalho da Virtual Bookstore sério e digno de minha confiança e apreço.

E-mail: franzk@amazonline.com.br
franzkre@usa.net

DEDICATÓRIA

A meus pais
Waldick Pereira (de saudosa memória; Paz Profunda!) e
Dona Margarida (uma flor!)

A Ney Alberto Gonçalves de Barros.
Ao Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu - Rio de Janeiro.

Aos manos e manas
Kisnat, Kamaysar, Sandra e Margot Lane.

Aos tios Walter, Wolfrang, Wandeck e Warrisson

Aos sobrinhos BrunoRabetim, Luzard, Ádila e Yasmim

Especialmente dedicado
À Madaya e Arcthur P. Pereira
E Keith Farinha.

Aos caboclos da paraônia que me contaram suas histórias.

PREFÁCIO

Em outubro de 1987, realizou-se em Belém o VI Congresso Brasileiro de Parapsicologia e Psicotrônica, durante o qual foi apresentado uma espécie de painel de mitos e lendas da Amazônia. Colaborando na organização desse Congresso, coube-me pesquisar o folclore oral e o panteão mítico regional e, assim, nasceu o presente painel do lendário amazônico, porém, numa forma mais singela e resumida; bastante resumida para ser franco! Mas, apesar de nossos esforços, aquele livreto despretensioso não saiu do projeto, mas a idéia ficou se embalando na rede dos meus pensamentos, espicaçando-me de vez em quando, e a cada espicaçada eu comprava um livro sobre o assunto; recolhia material, pesquisava...

E com isso, aquele opúsculo humilde, quase cordel, foi-se lentamente encorpando; cevado pelo gosto à pesquisa iniciada e pelo xodó à cultura popular, ao nosso folclore. Esse xodó, no entanto, vem desde 1969, quando ingressei na equipe do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro.

O IHGNI é uma entidade particular, sem fins lucrativos. Foi fundada e mantida por um pequeno grupo de amigos preocupados em preservar a memória cultural e histórica do município iguaçuano. Desde a sua fundação, no início dos anos 60, teve como seu presidente o Professor, Historiador e Arqueólogo WALDICK PEREIRA, que faleceu em 1984, quando assumiu a presidência outro fundador, o também Historiador, Arqueólogo, Professor e Advogado NEY ALBERTO GONÇALVES DE BARROS.

Pelas mãos desses dois grandes amigos fui levado a compreender, respeitar, valorizar e defender as demonstrações culturais de nosso povo e suas raízes.

A eles, então, devo este trabalho e minha eterna gratidão.

PRIMEIRA PARTE

FOLCLORE

É comum a confusão entre o que é mito e o que é lenda. E visto que os limites entre um e outro termo são praticamente inexistentes, procuramos uma definição adequada que estabelecesse a fronteira entre lenda e mito:

- LENDA - Narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética.
- MITO - (*Mytho-* gr = relato, fábula) Narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. Narrativas de significação simbólica, geralmente ligada à Cosmogonia e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e (ou) de aspectos da condição humana. Representação dos fatos ou personagens reais, exageradas pela imaginação popular, pela tradição.

Como é fácil de perceber, a tarefa não foi coroada de êxito; ao contrário, acentuaram-se as semelhanças (mais adiante voltaremos a elas), o que nos permite agrupar as duas definições, fundindo-as numa expressão mais apropriada, um estilo de narrativa fantástica que visa transmitir uma lição, um ensinamento; explicar um fenômeno ou orientar uma decisão. Podemos chamá-la de "lendas mitológicas", afluente do vasto rio da cultura popular que denominamos Folclore.

Folclore, literalmente, significa "saber popular" (*folk* = povo e *lore* = saber); é um vocábulo de origem alemã criado por Willians J.Thons e surgiu em 1846 na revista *The Atheneum**. Para o eminente e erudito Luís da Câmara Cascudo, folclore "... é a mentalidade móbil e plástica, que torna tradicionais os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato".

O poeta e jornalista paraibano Orlando Tejo¹, em seu memorável trabalho sobre o cantor e repentista Zé Limeira, apresenta um conceito para Folclore que parece mais holístico e menos erudito. Diz ele:

"A maquinária que faz surgir hábitos, costumes, alimentação, gestos, superstições, lirismo, sátiras, Indumentárias, tudo aquilo que os grupos sociais participantes assimilam, é folclore."

"Folclore é a cultura popular, feita normativa pela tradição natural, compreendendo utilitárias técnicas e processos que emocionalmente se ampliam e se valorizam."

¹ TEJO, Orlando. *Zé Limeira, poeta do absurdo*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980. Coleção Machado de Assis, 38.0

* "As suas páginas mostraram amiúde o interesse que toma por tudo quanto chamamos, na Inglaterra, 'Antiguidades Populares', 'Literatura Popular', embora seja mais precisamente um saber popular que uma literatura, e que poderia ser mais propriamente designado com uma boa palavra anglo-saxônica, Folk-lore, o saber tradicional do povo)..." - Trecho da carta de W. J. Thons.

O folclore, além do seu valor na ciência das tradições populares, é, como afirma Leite de Vasconcelos², "objeto de curiosidade para o povo, porque contém sua obra". E Carlos Brandão³ afirma que "na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. [...] Na cabeça de uns, o domínio do que é *folclore* é tão grande quanto o que é *cultura*"

Para encerrarmos esse breve capítulo sobre folclore, recorramos a lira poética do grande Patativa do Assaré:⁴

*"Você, caboclo, que cresce,
Sem instrução nem saber,
Escuta, mas não conhece
Folclore o que quer dizer,
Folclore é um pilão,
É um bodoque, um pião,
Garanto que também é
Uma grosseira gangalha
Aparelhada de palha
De palmeira catolé.
- Posso lhe afirmar também
Folclore é superstição
O medo que você tem
Do canto do corujão
Folclore é aquele instrumento
Para seu divertimento
Que chamamos berimbau
É também a brincadeira
Ritmada e prazenteira
Chamada Mineiro-pau.*

*Folclore, meu camarada,
Ouvimos a toda hora,
é história de alma penada
De lubisome e Caipora.
Preste atenção e decore,
Pois com certeza, folclore
Ainda posso dizer
Que é aquele búzio de osso
Que você coloca no pescoço
Do filho pra não morrer."*

2 LEITE DE VASCONCELOS apud BITENCOURT, Gastão de. *O folclore no Brasil*. Salvador: Livraria Progresso, 1987, p. 87.

3 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982~. p. 23. (Coleção Primeiros Passos).

4 PATATIVA DO ASSARÉ. *Cante lá que eu canto cá*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

Patativa do Assaré é o pseudônimo do cearense Antonio Gonçalves da Silva, nascido em Assaré, em 1909.

O MITO, A MITOLOGIA E O SÍMBOLO

O obscuro fantasma criado pela poesia mitológica evaporou-se perante a luz brilhante de um conhecimento científico das leis naturais.

(Ernesto Haeckel)

A palavra mitologia não se aplica apenas às invenções imaginadas por um povo para tentar explicar um fato tido como inexplicável ou sobrenatural, mas, também identifica a disciplina que pesquisa e estuda esse fato, ou seja, *mitologia é o estudo dos mitos*.

Antigamente, apenas a grande novela dos deuses e heróis gregos e romanos, conhecida como Mitologia Clássica, merecia a distinção de verdadeiros mitos. Hoje o conceito de mito sofreu sensível mudança*, se ampliou, e a palavra adquiriu uma condição de adjetivo pomposo aplicado geralmente às pessoas de grande notoriedade e fama, como é o caso, por exemplo, de Pelé, Charles Chaplin, Marilyn Monroe, Picasso e outros.

Nesse "stricto sensu" podemos citar, também, outras conotações modernas, como o chamado "mito econômico", produzido pela febre da borracha, nos lustros de 1900, e que, segundo Eldorfe Moreira⁵, converteu a Amazônia numa "Califórnia" (sic.), numa alusão à corrida do ouro acontecida naquele estado norte-americano. Na verdade, sob esse prisma, há mitos para todos os gostos. É o que Víctor Jabouille⁶ chama de "mitos do cotidiano"; símbolos de outros símbolos**, resultante da amálgama cultural (moral, religião, filosofia, ciências e artes) que contextualiza o homem contemporâneo; e também da natural e atávica tentativa de compreensão das coisas extraordinárias, das coisas que assumem um caráter fabuloso e que, ao correr do tempo, "criam e fazem durar esta mitificação".

Para Albert Goldman, famoso biógrafo de John Lennon e de Elvis Presley, "os líderes sociais são símbolos de nossa sociedade e não há melhores símbolos do que aqueles que a sociedade elege espontaneamente como seus heróis". Elvis e Lennon, para Mr. Goldman, "são arquétipos de nossa era".

5 MOREIRA, Eldorfe. *Obras completas*. v. VI, p. 26.

6 JABOUILLE, Victor. *Iniciação à ciência dos mitos*. Cadernos Culturais. Lisboa: Inquérito, Ltda, 1986.

* NOTA DESTA EDIÇÃO: Em 1993 o pesquisador lusitano Victor Jabouille reuniu e publicou sob o título "*Do Mythos ao Mito, uma introdução à problemática da mitologia*" (Ed. Cosmos, Lisboa) algumas palestras que proferiu em 1989. Em 1997 o livro me chega às mãos e verifico, prazeirosamente, que esta minha observação, expressa de forma leiga e simples, tem ressonância no pensamento deste cientista. Em dado trecho da p. 16, lemos: "**Hitler é um mito. Esta afirmação tem em conta a construção da imagem do político, a sua personalidade criada e explorada, bem como toda a construção narrativa enquadrante. Eusébio, ontem, ou Futre, hoje, também são por vezes classificados como mitos. Porque? Porque são capazes de realizar grandes feitos...no futebol. A palavra mito vai-se abastardando, acabando por designar qualquer coisa de extraordinário, o que parece ir além do razoável, o que não é real, qualquer coisa que não é verdadeira ou que não é lógica, algo exagerado ou, até, impossível. Mas, paralelamente, é nos nossos dias que o mito recupera credibilidade.**"

** *Symballein*, gr = comparar

Com ou sem exageros, o senhor Goldman nos mostra que toda sociedade carece de seus mitos porque são seus símbolos, suas mandalas; encarnam suas qualidades e atributos; servem de referencial à própria sociedade que os criou (ou recriou) e, de certa maneira, funcionam como elementos de ligação entre os membros dessa sociedade.

Claro está que mitos são símbolos, e como todo e qualquer símbolo, encerram uma mensagem ou uma informação codificada, inteligível apenas para os que conhecem o código, a decodificação. Alguns São universais, outros restringem-se a uma região, porém, todos são expressões da necessidade humana de registrar e transmitir uma descoberta, um conhecimento ou uma lição. Os mitos - diz-nos Ralph M. Lewis⁷, ex-imperador da Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz (AMORC) - "... São criados espontaneamente ou assimilados. Nascem para suprir uma necessidade criativa individual ou de um grupo". Creio que os mitos constituem ou consolidam a cosmovisão ou cosmoconcepção que cada indivíduo possui.

A função social do mito apresenta-se bem delineada no capítulo 5 do livro "Mitos y Sociedad":⁸

"Cada sociedad según su modo de ser, concibe de una manera peculiar su unidad, y al expresarla toma conciencia de su existencia;... Ni un rey, ni una bandera, ni ninguna otra cosa puede ser la encarnación de un grupo como lo es el mito."

Ainda no mesmo parágrafo, o autor recorre a Nicholas Corte, um dos muitos autores citados na sua enciclopédica bibliografia, para explicar que "el mito fue el símbolo unificador del grupo social en cuyo seno fue elaborado. Satisfacia en ese grupo la necesidad intelectual de saber y de comprender, y servía de base a la religión. El mito mantenía de esta manera una especie de disciplina social".

O caos que a sociedade atual vivencia pode ser devido ao permanente processo mitogênico e mitofágico que o progresso provoca. O progresso é mitofágico, mas o ser social é mitogênico, porque é através do mito que ele procura estabelecer uma ordem, da mesma maneira que ele se utiliza de uma mandala para promover o equilíbrio em seu caos interior.

Felizmente o progresso, em sua voracidade, não atinge a todos os lugares ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Assim, ainda é possível encontrar lugares que preservam suas raízes culturais quase intactas, quase inalteradas através dos séculos, apesar de tudo. Há, na Amazônia, regiões onde o progresso não penetrou de todo, onde mal se ouve um rádio, onde a maioria dos moradores não têm acesso a um aparelho de televisão, alguns sequer já viram um. São regiões cada vez mais reduzidas, pois, como previu Marshall McLuhan na década de 60, o mundo está se tornando, cada vez mais, uma "imensa aldeia global"; graças à televisão e à antena parabólica.

Lá, dentro das matas, à beira dos inúmeros lagos, rios, igarapés, furos, paranás, etc., ainda existem aqueles que acreditam nos deuses e demônios, nas histórias que falam de estranhas e incríveis metamorfoses de gente em bicho, histórias que falam de pessoas que possuem o poder de invocar os *caruanas*, que são as entidades protetoras e auxiliadoras

7 LEWIS, Ralph M. *Introdução à simbologia*. s. l.: AMORC, 1982.

8 SAGRERA, Martin. *Mito y sociedad*. Barcelona: Labor, 1967, p. 6~70.

Cosmovisão ou cosmoconcepção é a compreensão que um indivíduo tem a respeito do Universo, do Homem e da História Humana. (N.A.)

dos pajés e feiticeiros amazônicos; enfim, lá nesses recantos esquecidos pelo consumismo, ainda é possível conversar com aqueles que acreditam no sobrenatural e naquilo que a imaginação cabocla cria.

A IMAGINAÇÃO, O SONHO E O MITO

“Se tu podes crer; tudo é possível ao que crer”
(Marcos, 9:23)

O homem moderno, civilizado, culto, muitas vezes se prende às sensações provocadas por um sonho mau que lhe deixa a desagradável Impressão de que "algo vai acontecer"; e carrega esta impressão por algum tempo, a despeito de sua ciência e cultura. Isso porque, afirmava Jung, os sonhos e devaneios são elementos dinâmicos em nossas vidas, mas, para o indígena primitivo - e mesmo para alguns contemporâneos - o sonho e a realidade muitas vezes se confundiam, de tal forma que o sonho era-lhe uma outra realidade. Mario Mercier⁹, animista e profundo conhecedor da magia natural, dá-nos uma visão dos sonhos como um repositório de conhecimentos iniciáticos, distinta daquela transmitida pela psicanálise. Diz ele, por exemplo, que se "... um índio sonha que foi mordido por uma serpente [...] far-se-á tratar como se efetivamente tivesse sido mordido". E diz mais: "O sonho é para eles a origem das liturgias: é o sonho que dá nome às crianças, que designa o xamã, o feiticeiro, o curandeiro [...] cria tabus, ajuda ou condena. O sonho é a voz dos antepassados, dos Espíritos, dos Deuses...

Há um pequeno poema chinês que ao meu ver expressa e sintetiza maravilhosamente a importância dos sonhos:

"Na noite passada, sonhei que era uma borboleta, e agora não sei se sou um homem que sonhou que era uma borboleta, ou talvez uma borboleta que agora está sonhando que é homem."

Não vamos aqui nos preocupar com a fisiologia do sono e dos sonhos; contudo, estenderemo-nos um pouco mais sobre o assunto, para respondermos a questão: seriam os mitos produtos de sonhos e da imaginação?

"Estamos expostos - escreve Erich Fromm¹⁰ - a mentiras racionalizadoras disfarçadas de verdades, absurdos fantasiados de bom senso ou de mais sabedoria do especialista, a conversas hipócritas, à preguiça intelectual ou desonestidade falando em nome da 'honra' ou de 'realismo', conforme o caso."

Isso tudo funciona como um "barulho" - para usarmos uma expressão do próprio Erich Fromm - capaz de embotar nossos sentidos e a própria intuição. Assim, a mente do homem, quando acordado, racionaliza seus julgamentos pelos parâmetros rígidos que seu meio, sua cultura e sua sociedade impõem. O contrário se dá quando ele está adormecido, pois é durante o sono que o homem está isolado desse "barulho" e em comunhão "consigo próprio, com suas próprias impressões e sentimentos".

⁹ MERCIER, Mario. *O mundo mágico dos sonhos*. s. 1.: Pensamento, 1980, p. 48.

¹⁰ FROMM, Erich. *A Linguagem Esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

É inquestionável a importância dos sonhos. Sabe-se que durante o sono as informações e impressões recebidas ao correr do dia são, depois de processadas e classificadas, sedimentadas no núcleo da memória. Experiências realizadas provaram que a pessoa desperta das todas as vezes que começavam a sonhar, ou quando estavam no estado chamado REM (sigla norte-americana para Movimento Rápido dos olhos), perdiam a capacidade de recordar coisas elementares, e até apresentaram distúrbios psicológicos, o que provocou a suspensão de tais experiências.

Sonhar é uma necessidade básica do ser humano, tal como a de criar símbolos. Os sonhos, da mesma forma que os mitos, possuem uma linguagem particular, própria, cuja chave para um claro entendimento já foi esquecida por quase todos. De forma prática, mas sem exageros, podemos afirmar que os mitos são "sonhos" de uma comunidade, de um povo ou de uma civilização.

Os sonhos ajudam a acomodar os conhecimentos absorvidos em vigília, mas também, ajudam a proteger e a preservar a personalidade individual, funcionando como válvulas de escape às repressões, às censuras e desejos irracionais que o indivíduo anela. Esta seria, para Freud, a própria essência dos sonhos. Os mitos, por seu turno, funcionariam de maneira semelhante, para a civilização ou comunidade que os criou. Eles ajudam a armazenar um conhecimento e facilitariam o seu *output*, como por exemplo, os mitos etiológicos, que tratam da origem e utilidade das diversas coisas.

A sociedade atual pressiona cada vez mais o homem contra as suas aspirações e desejos mais primitivos e irracionais (sexo, ambição, etc.), obrigando-o a encontrar formas de sublimação. Para Erich Fromm, "quanto mais a sociedade evolui e o obriga a reprimir esses impulsos, tanto mais aprende ele a criar formações reativas e sublimações". Tamanha pressão poderia forçar o surgimento de uma nova linguagem simbólica através da qual a sociedade pudesse revelar suas tendências intrínsecas, da mesma forma que os sonhos expressam de maneira cifrada as mensagens do inconsciente? Possivelmente! De fato temos um caldo nutriente favorável à criação de novos mitos, mas é mister que eles possuam a força dos antigos mitos - como o nosso Jurupari ou Curupira - se quisermos que funcionem como disciplinadores sociais ou reestruturadores do nosso caos interno e externo. Porém, o que podemos extrair desse bojo são mitos como os dos "Super-Heróis" Cyborgs (os biônicos) que são a expressão máxima da Cibernética; ou mitos como os dos paranormais dotados de poderes mentais quase ilimitados. Estes estão cada vez mais profusos na *cienc fiction* e mais próximos da realidade, mas há também mitos como o do Messias ou Enviado, presente em toda civilização ou cultura que se acha ameaçada ou deseja mudanças; ou ainda o dos "Protetores" que esperamos venham em nosso socorro quando uma situação se torna crítica. Um exemplo de como uma sociedade oprimida cria mitos aconteceu durante a campanha das "Diretas' Já" e a "mi(s)tificação de Tancredo Neves"¹¹, mas isso já é outra história.

Retornando ao nosso tema principal, podemos concluir "a priori", que o mito é a resposta a um estímulo e uma necessidade psíquica, enquanto a imaginação é o caldo nutriente, o meio de cultura onde a semente do mito germina e floresce. Creio que os mitos são, junto com os seus símbolos, a primeira manifestação de um aprendizado científico. Vemos assim que tanto o primitivo quanto o contemporâneo necessitam de ter seus mitos e crenças.

¹¹ ver MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. s. l.: Contexto, 1988.

Carlos Suares, apud Martin Sagrera (1967: 83) escreve:

“Subyacente a toda civilización hay una ecuación mítica, es decir, una constelación de símbolos muy profundos agrupados de manera peculiar, que modelan el inconsciente colectivo.”

Engana-se, pois, quem pensa que o mito é arte da mente fantasiosa e irreal comum ao homem primitivo ou ao homem do mato; como se o homem citadino não fosse dotado de uma Imaginação tanto ou mais criativa. Mas, tanto o homem contemporâneo quanto seu ancestral, na busca ou tentativa de satisfazer suas inquietações interiores, de responder as indagações que os aflige, inventam suas soluções e seus meios para saciar a inquietude e pôr termo ao desassossego Intimo. Sim, inventa! Porém, não inventa o que não pode compreender ou entender. E as religiões podem ser tomadas como um exemplo disso, pois, estão peçadas de símbolos criados pelos primitivos, de imagens arquetipais elaboradas segundo as necessidades psíquicas de seus criadores. Jung bem o sabia quando elaborou sua teoria dos arquétipos, e com autoridade incontestada afirma:

“No le basta al primitivo com ver la salida y posta del Sol, sino que esta observación exterior debe ser al mismo tiempo un acontecer psíquico, esto es, que el curso del Sol debe representar el destino de un dios e de un héroe, el cual en realidad no vive sino en el alma del hombre.”¹²

12 JUNG, Kar G. *Arquétipos e Inconsciente Colectivo*. Buenos Aires: Paidós, 1970, p. 20.

O MITO: CONCEITOS

“O mito é o nada que é tudo”
(Fernando Pessoa)

Como já vimos no início deste volume, o conceito de mito, malgrado nossos esforços, não ficou bem definido; confundindo-se com o de lenda. Neste capítulo vamos retomar essa discussão, com o auxílio de alguns autores, com os quais pretendemos encerrar a questão entre mito e lenda e a existência ou não de diferenças entre eles.

Luís da Câmara Cascudo acredita ter encontrado o elemento de distinção entre lenda e mito no fator tempo-espaço. No seu *Dicionário de Folclore Brasileiro*¹³, o verbete lenda traz o seguinte:

LENDA - "Episódio heróico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo [...]. Conserva as quatro características do conto popular: Antiguidade, Persistência, Anonimato, Oralidade [...]. Muito confundido com o mito, dele se distingue pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um termo central com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e no espaço."

Se para Câmara Cascudo **mito e lenda** "se distinguem pela função e confronto", para outros pesquisadores, no entanto, um confronto não esclarece a função. O fundamental no mito é a propriedade "não reflexiva" (André Lalande), isto é, não questiona, não é crítico... Aceita-se ou não. Já Victor Jabouille dá-lhe uma definição muito próxima de folclore quando afirma que o mito "é tão vasto que nele se pode incluir praticamente toda a expressão cultural humana [...] é a materialização extremamente complexa do Imaginário humano" (1986:16). Na verdade, mito é um vocábulo de múltiplas aplicações.

O professor e folclorista paraense Ubiratan Rosário¹⁴ esclarece que, para Brandão, a lenda "é uma narrativa composta para ser lida: legenda. Distingue da parábola, que é um mito intencionalmente criado. Difere da fábula que é uma narrativa de caráter imaginário que objetiva transmitir uma lição moral, etc."

Três parágrafos adiante ele acrescenta que "Malinowski disse que os mitos não são nem simples lendas interessantes, nem relatos supostamente históricos. Antes são 'para o povo em questão a mais alta verdade de uma realidade primitiva' que proporciona o padrão e o fundamento da vida contemporânea"

¹³ CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Brasília: INL/MEC, 72.

¹⁴ ROSÁRIO, Ubiratan. Op. Cit. p.45.

Vejamos mais alguns conceitos:

Victor Jabouille (1986: 32):

"Se o *λογος* (logos) é a linguagem da demonstração, o *μυθος* (mito) é a linguagem da imaginação, mesmo a linguagem da criação."

* André Lalande (p. 38):

"Narrativa fabulosa, de origem popular e não reflexiva, na qual os agentes impessoais, na maior parte dos casos as forças da natureza são representadas sob a forma de seres personificados, cujas ações ou aventuras têm um significado simbólico."

* J. G. Frazer (p. 39):

"Compreendo por mito explicações erradas dos fenômenos, quer da vida humana quer da natureza exterior."

* R. Graves & R. Patai (p. 41):

"Os mitos são histórias dramáticas que constituem instrumentos sagrados, quer autorizando a continuação de Instituições, costumes, ritos e crenças antigas na área em que são comuns, quer aprovando alterações."

* M. Eliade (p. 98):

"Por outras palavras, o mito conta como, graças aos actos dos seres sobrenaturais, uma realidade teve existência, quer seja a realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma Instituição. É sempre uma narrativa de uma 'criação': conta-se como qualquer coisa foi produzida, como começou a ser. O mito não fala senão daquilo que aconteceu *realmente*, naquilo que se manifestou completamente. As personagens dos mitos são seres sobrenaturais."

Erlch Fromm (1966:174):

"O mito como o sonho, apresenta uma estória desenrolando-se no tempo e no espaço, estória essa que exprime em linguagem simbólica, idéias religiosas e filosóficas, experiências da alma em que reside o verdadeiro significado do mito. Se a gente não logra apreender o significado real do mito, fica em face de uma imagem ingênua, pré-científica do mundo e da história e, na melhor das hipóteses, um produto de uma bela imaginação poética, ou então - esta é a atitude do crente ortodoxo - a estória manifesta do mito é verídica, e tem-se de acreditar nela como um relato correto de fatos deveras ocorridos na 'realidade'."

*Apud. JABOUILLE, Victor. Op.

Carlos F. da Costa¹⁵ (p 16):

"Um mito é um conjunto de símbolos que procuram falar daquilo que não se pode falar, não por ser um ser um segredo misterioso e proibido aos não-iniciados, mas por estar situado radicalmente fora da linguagem. Mito (gr. *myein* silenciar)"

Concluimos que **lenda** e **mito** não passam de símbolos distintos para identificar a mesma coisa; enfim, são sinônimos, só que o termo *lenda* possui uma conotação poética.

Mario Mercier (1980: 52), transcendendo do significado cultural do mito, adverte:

"É na tradição, nas antigas narrativas, nesses arquivos universais chamados erroneamente de lendas, é nos velhos contos que o homem poderá reencontrar sua verdadeira identidade, sua identidade mágica. Para isso, deverá sair de sua cristalização intelectual e ultrapassar a concepção do símbolo que, embora energético, não deixa de ser bastante abstrato."

O mito "lato sensu" pode ser entendido como alegorias empregadas pelos antigos para revelarem ou perpetuarem verdades e conhecimentos; expressar conceitos morais, filosóficos e religiosos; justificar princípios; servir de referência histórica e geográfica, etc. Os mitos são projeções dos fatos reais, verdadeiramente acontecidos, aos quais os primeiros cronistas buscaram registrar com suas limitadas expressões e que, com a tradição oral, foram ganhando novas cores, inflacionando-se pelo calor da narrativa e pela imaginação do narrador; até que restou apenas uma "imagem" da verdade, refletida num espelho embaciado.

"Não devemos esquecer - escrevem Yolanda, Helda e Nobue¹⁶ -que todas as palavras são logogramas, isto é, símbolos construídos partindo-se de símbolos básicos...", daí que escrever, falar, fazer um relato ou contar uma história, é tentar descrever símbolos utilizando-se de outros símbolos. Numa forma mais simples equivale a dizer que "quem conta um conto aumenta um ponto", principalmente quando o conto é sobre a Amazônia. Já em 1923, Alfredo Ladislau¹⁷ concluía que:

"... de mistura com essa névoa subtilíssima das lendas, que anda fluctuando na penumbra das florestas virgens, o itinerante passageiro pressente um balbuciar de histórias fantásticas, que o amedrontam. E será esse próprio forasteiro que propagará mais tarde, fora da Amazônia, o abuso das superstições, cuja teia finíssima ele mesmo ajudou a tecer inconscientemente."

Para concluirmos esse capítulo, tomemos emprestado a E. von Dâniken¹⁸, o modelo que ele criou para ilustrar a sua tese de que o homem, na tentativa de explicar o que não compreende, cria mitos:

15 COSTA, Carlos F. da. *Manual Prático de numerologia através do taró*. São Paulo: Traço Editora, 1990.

16 Yolanda, Helda e Nobue. *Ritos dos índios brasileiros* (Xinguano e Cadiwéu). (textos). São Paulo: EBRAESP, 1975, p. 25.

17 LADISLAU, Alfredo. *Terra imatura*. Belém: J. B. dos Santos e da., 1923.
(N. A.) Terra Imatura é uma denominação literária para igapós.

18 DANIKEN, Erich von. *Eram os deuses astronautas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p.79.

"Na selva africana desce, pela primeira vez, um helicóptero. Nenhum indígena jamais viu tal máquina. Com enorme estrondo aterrissa o helicóptero numa clareira. Pilotos em uniformes de campanha, com capacetes e metralhadoras saltam dele. O selvagem, em sua tanga, estaca tonto e abobadado, ante essa coisa que desceu do céu, e ante os "deuses" seus desconhecidos. Depois de algum tempo, o helicóptero eleva-se de novo e desaparece na atmosfera."

Deixamos à imaginação do leitor o desenrolar dessa aventura e a consequente narrativa que, por certo, o nativo faria quando de regresso à sua tribo.

AS ÁGUAS COMO GERADORAS DE MITOS

A água é e sempre foi um personagem de grande destaque na novela mítica de muitos povos. É, ainda, tal como era para as civilizações mais antigas, considerada geradora de vida. Para os egípcios, o dia da inundação do Nilo marcava o primeiro dia do seu calendário, e no limo e lodo das águas gestava-se também a crença na existência de seres habitando o mundo líquido. Porém, mais que em qualquer outro lugar ou região brasileira, são as águas que determinam na Amazônia, o comportamento da população. “É ela - atesta Giovanni Gallo¹⁹ - quem determina a duração dos eventos sociais, segundo seu fluxo e refluxo”, e acrescenta ainda: “Na Amazônia quem manda é a água.”

A importância e o poder da água, à parte desse caráter sócio-cultural e de suas propriedades meramente físicas, reside também numa aura de mistérios, de segredos, de simbologia mágica e psíquica; de um fluxo invisível, mas perfeitamente perceptível, mesmo para quem tem uma sensibilidade pouco sutil.

O conceito de água é dado, geralmente, à matéria em estado líquido. A água simboliza a vida e está sempre ligada à idéia de fertilidade e geração, bem como simboliza as emoções e o inconsciente, e podem ser classificadas como *águas vivas* e *águas mortas*. Com seu movimento próprio de fluxo e refluxo produz um ritmo que determina sua sensibilidade e efeitos telúricos, atraindo para si as influências dos planetas, das estrelas, dos fluidos cósmicos e os influxos das correntes terrestres que os primitivos chamavam de *Espírito da Terra* e hoje chamamos de Telurismo.

Considerada poderoso agente das forças naturais, está presente em quase todos os rituais mágicos e sagrados, e nas cerimônias religiosas ou profanas, pois, possui um poder magnético para atrair as forças invisíveis e astrais de todas as espécies, benéficas ou não. Para Mario Mercier as águas “portadoras de ondas nocivas, são as águas usadas ou estagnadas como as águas de esgoto, de drenagem, de cisternas, de pântanos, etc.”²⁰

A influência que as águas exercem depende de fatores decorrentes do solo de onde provém, já que pelas suas propriedades magnéticas elas se carregam de certas energias por onde quer que passem e da mesma maneira as dissipa. Com isso ela torna-se um poderoso veículo das manifestações das forças telúricas ou como agentes das influências astrais manipuladas pelo pajé ou mago. Na tradição hermética as águas são o oceano primordial donde surgiram os primeiros deuses; para a psicanálise é a parte dinâmica, original e feminina do espírito, mas para os índios e caboclos da Amazônia a enorme massa hídrica que cobre a região é o núcleo embrionário de suas concepções míticas, de seu fabulário; e reino dos encantados que o caboclo chama de “gente do fundo” ou “caruanas”*. Pode-se, entretanto, encontrar gênios tutelares aquáticos (marinhos, lacustres ou fluviais) em praticamente todas as culturas.

Eduardo Galvão informa que os índios da região do Rio Negro conheciam três categorias de espíritos que povoam os rios e a mata. São eles: os Maíwa (seres da água), os Corupiras

¹⁹ GALLO, Giovanni. *Marajó, a ditadura da água*. Santa Cruz do Arari-PA: O Nosso Museu, 1981.

²⁰ MERCIER, Mario. Op.. cit. p. 60.

(seres da mata) e Jurupari, que classifica como um demônio vulgar, "encontrado em qualquer lugar"²¹. Já Mario Mercier acreditava que os mitos e lendas a respeito de espíritos que habitam as águas "não passam de narrativas melhoradas de uma certa clarividência que ainda possuíam nossos antepassados e que nós perdemos."²²

²¹ GALVÃO, Eduardo. Aculturação indígena no Rio Negro. In: *Boletim MPGE* n. 7, set. 1959, p. 51.

²² MERCIER, Mario. Op. cit. p.62.

* *Caruãng* (ang = alma) = espírito protetor. Cf. Ernesto Cruz.

O MITO DE DEUS E DO DIABO INDÍGENAS

Era necessário aos missionários primitivos encontrarem no panteão nativo uma divindade que encarnasse os atributos do deus que desejavam impor, e, ao mesmo tempo, uma outra que personificasse os atributos contrários. E como o primeiro trabalho dos missionários é identificar os focos de adoração e depois combatê-los em nome da sua fé, não foi muito difícil reconhecer no Jurupari o alvo desse primeiro movimento.

O Jurupari, uma divindade dotada de grande prestígio e investida de muitos privilégios, recebeu a primeira carga da brigada eclesiástica: Todo culto pagão é obra de Satanás! Por força desse argumento que tanto prejuízo trouxe à cultura de muitos povos, esse deus autóctone foi transformado em Diabo, na encarnação do Mal e para combatê-lo e defender o selvagem de sua nefanda influência "surgiu" Tupã, um ser tão distante da compreensão dos nossos nativos quanto o Jurupari da dos missionários. Câmara Cascudo diz que Tupã "é um trabalho de adaptação da catequese" (cf. 1972: 85). Na verdade Tupã já existia, não como divindade, mas apenas como conotativo para o som do trovão (Tu-pá, Tu-pã ou Tu-pana, golpe ou baque estrondante) portanto, não passava de um efeito, cuja causa o índio desconhecia e, por isso mesmo, temia. Osvaldo Orico, entretanto, é de opinião que os selvagens possuíam uma noção da existência de uma força, de um deus superior a todos. Diz ele:

"A despeito da singela idéia religiosa que os caracterizava, tinha noção de Ente Supremo, cuja voz se fazia ouvir nas tempestades— *Tupã-cinunga*, ou o trovão, e cujo reflexo luminoso era *Tupãberaba**, ou relâmpago."²³

Voltando ainda ao grande folclorista potiguar (1972: 85), lemos que foi a partir de 1613 que Jurupari "assumira o posto de Diabo com todas as honras e prerrogativas intrínsecas". Evidentemente que as "honras e prerrogativas" a que se refere Cascudo, não são as mesmas consideradas pelos indígenas, para quem não fazia sentido algum falar da idéia de um diabo tentador ou da possibilidade de ter a alma prisioneira das armadilhas de Satã. Porém, é provável que já tivessem a idéia de um inimigo indistinto, oculto e obscuro, responsável por tudo de ruim que lhe acontecia, responsável pelas vicissitudes, etc. Esse comportamento é uma tendência natural do ser humano; "a tendência no sentido de criar um inimigo imaginário para explicar problemas aparentemente insolúveis."²⁴

Os índios não tinham conceitos religiosos, porém, tinham definidos os conceitos de sobrenatural e a noção de dualidade natural. Expedito Arnaud,²⁵ pesquisando os índios Galibi, da Guiana Francesa, testemunha que eles acreditavam no Sol e na Lua como seres vivos, mas não os encaravam como deuses merecedores de sacrifício ou a quem deversem adorar. Arnaud afirma ainda que eles acreditavam em Deus e Diabo, "ao primeiro chama-

²³ Osvaldo. Mitos ameríndios e credices amazônicas. RJ: Civilização Brasileira, 1975, p. 36 e 272-277.

²⁴ O'GRADY, Joan. *Satã, o príncipe das trevas*. São Paulo: Mercuryo, 1991, p. 9.

²⁵ ARNAUD, Expedito. Os índios Galibi do Rio Oiapoque. In: *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, n. 30, Belém, 27.01.1966, p. 45.

*Gonçalves Dias, in "O Brasil e a Oceania", H. Garnier Livreiro, Editor. Paris, s/d. grafa *Tupan-beraba* para o trovão e *Tupan-ita* para o raio (cf. rodapé, p.120). Nota desta edição.

vam *Tamoussi Cabou* (O velho homem do céu), e ao segundo, *Iroucan*". Curioso, porém, é que essas duas divindades, segundo os Galibi, eram filhos de Amana; e aqui Expedito Arnaud registra o antiquíssimo mito da "Virgem Mãe"*. "Amana - escreve ele - originou os irmãos gêmeos *Tamusi*, criador de tudo que é justo e bom e *Yolokan-tamulu*, avô dos espíritos da natureza, criador das trevas e da miséria, sendo o primeiro inconcebível sem o segundo, tanto quanto a luz sem as trevas".

Se a noção da dualidade e polaridade das forças da natureza e das leis cósmicas era entendida de maneira tão complexa pelos Galibi, então eles estavam mais avançados que muitas pessoas possuidoras de uma religião que garante ser capaz de derrotar o Diabo em nome de Deus. Arnaud registrou há 26 anos que quase todos os Galibi foram convertidos ao catolicismo, hoje é certo supor que essa tribo, se ainda existir, não deve ter nenhum membro sem os santos sacramentos.

* Nas religiões mais primitivas Deus era feminino, e acreditavam que a mulher era Deus, pois em todas se manifestava o princípio da criação.

O MITO REGIONAL x A CATEQUESE

"... duas classes de pessoas forneciam informações acerca dos indígenas: a dos missionários e a dos aventureiros. Em luta uma com a outra, ambas se achavam de acordo nesse ponto de figurarem os selvagens como feras humanas. Os missionários encareciam assim a importância de suas catequeses; os aventureiros buscavam justificar-se da crueldade com que tratavam os índios."

José de Alencar

É muito difícil dissociar mito de religião; não no conceito, é claro, mas no sentido prático e histórico. A tradição do mito não deixa de ser uma forma de "religare" as antigas tradições e doutrinas tribais. A Enciclopédia Mirador²⁶ apresenta o mito como a manifestação da "dependência do homem de forças sobrenaturais (...) é um fenômeno especificamente religioso", complementa.

A essência da religião está na alma, e Jung defendia a tese de que existe uma relação profunda e intrínseca entre o mito e a psiqué, ou alma. Disse ele que "el alma contiene todas las imágenes de que han surgido los mitos...". Jung evidentemente sabia que a razão humana não inventa o que não consegue entender, portanto, os deuses e demônios antigos eram em sua maioria - senão em sua totalidade - fatores ou fenômenos naturais, que a alma primitiva personificava, atribuindo-lhes propriedades e qualidades. Por conseguinte, mito e religião estão em um amálgama quase perfeito, e apresentam uma relação orgânica, de tal maneira que o primeiro fundamenta, e muitas vezes é a pedra de arremate da segunda.

Ambos se utilizam de alegorias, porém, somente a religião é dialética, e foi nessa dialética que os missionários vindos para o Brasil, e para a região Amazônica em particular, instituíram seu trabalho de catequese dos indígenas.

Como se sabe, o primeiro trabalho dos missionários é identificar os focos de adoração nativa, para depois combatê-los em nome da sua fé e crença. Dessa forma, os mitos cosmogônicos, que constituem a base da religião tribal, foram combatidos acirradamente de forma direta e às vezes violenta, ou de maneira sutil e mais demorada, quando os religiosos inseriam conceitos não existentes na cultura nativa, aproveitando-se daquilo que melhor se aproximasse dos seus propósitos. Esse é o caso, por exemplo, dos conceitos cristãos de Deus e Diabo, que os missionários personificaram em Tupá - ou Tupana - e Jurupari, respectivamente.

O verbete *Tupã*, no Dicionário do Folclore Brasileiro²⁸ de Câmara Cascudo, informa-nos que este é "um deus criado pela catequese católica no século XVI e nome imposto pelo hábito às crianças e catecúmenos". Tupã era apresentado pelos padres, como um ser criador de todas as coisas, mas essa idéia panteísta - segundo Stradelli²⁹ - estava longe de ser absorvida pelos indígenas. Tanto que não há vestígios de festas ou cultos em honra a Tupã,

²⁶ ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, v. 14, p. 7772

²⁷ JUNG, Carl G. Op. cit. p. 13.

²⁸ CASCUDO, Câmara. Op. cit. p. 864.

³⁰ STRADELLI apud CASCUDO, Câmara. Op. cit.

mas os há ao Jurupari. Por outro lado Osvaldo Orico³⁰ sustenta que os indígenas possuíam uma noção num Ente Supremo ou um "princípio superior com o nome de Tupã".

O fato é que enquanto criavam entre os selvagens a idéia de um deus Todo-Uno, de um Deus Onipotente, causa de todos os efeitos; no mesmo processo arrancavam à força da teogonia autóctone, um deus que encarnasse os atributos contrários, pois a religião necessita de um dipolo, de uma antinomia. Esse deus opositor, encontraram-no na figura do Jurupari, uma lenda comum às tribos Tupi-Guaranis.

Esse processo catequético e aculturativo, iniciado logo após a descoberta, foi uma ação conjugada à colonização e ocupação das terras nativas e do próprio índio como mercadoria, e ganhou forte impulso, com a chegada à Amazônia, de diversas ordens. E mesmo depois da expulsão dos jesuítas, em 1757, o processo não sofreu interrupção e nem decréscimo: hoje o número de missionários espalhados pela região amazônica é surpreendentemente elevado.

Um artigo publicado pela revista ISTO É, datada de 23 de outubro de 1985 e intitulado "O Culto dos Ianques", faz graves denúncias contra os missionários norte-americanos presentes na Amazônia - e por tabela aos de outras nacionalidades -. Uma dessas denúncias é contra a violência cultural a que estão subjugados os índios, "principalmente contra a língua e os costumes", escreve o articulista.

A agudização dessa ação culturicida, levou o padre paulista Antonio Iasi, ex-secretário do Conselho indigenista Missionário (CIMI), a declarar para a mesma reportagem: "Quase todas as tribos amazônicas foram violentadas a partir da religião, tanto por católicos como por evangélicos". Informa, ainda, o citado artigo que há "cerca de setecentos missionários estrangeiros dispersos pela Amazônia em nome de vinte seitas religiosas". A presença missionária* no Brasil computava, em 1985, segundo dados do CIMI, cerca de 53 ordens religiosas para algo em torno de 210 tribos e aproximadamente 30 famílias lingüísticas.

Esse processo que permanece "ad seculorum" fez desaparecer muitas fontes primárias da oralidade nativa, e o que restou foi degenerado pela ação do invasor branco na ânsia de impor sua religião, seu Deus, suas crenças, sua filosofia, seus costumes, sua cultura. Assim, a cultura nativa fica(va) entre dois fogos; de um lado a demagógica ação eclesiástica e do outro o rolo compressor do capitalismo. Como funciona esse último todos sabemos, mas para termos uma idéia dos métodos sutis, e eficazes da Igreja, o que aconteceu com a tribo Waiwai (Roraima) pode nos servir de exemplo; como conta ainda a Revista ISTO É:

"O tuxaua Ewka, que se julgava filho do Caititu - um porco do mato- foi convencido por um missionário (missão Novas Tribos do Brasil) a alimentar-se da carne do animal. Na crença dos Waiwai, o desfecho seria a morte imediata de Ewka. Como ela não ocorreu, todos se converteram ao cristianismo."

E para rematar com chave de ouro o sucesso da conversão, Ewka, o tuxaua, virou pastor da seita!...

30 ORICO, Osvaldo. Op. cit. p. 272-277.

Mais recentemente (19.08.1991), o jornal paraense O LIBERAL circulou com uma discreta nota a respeito do suicídio de dois índios da tribo Ticuna. Um dos suicidas era um jovem de 17 anos que, esclarece a pequena notícia, "não bebia, não fumava e a ainda não há pistas que indiquem as causas do suicídio, a não ser o forte envolvimento do adolescente ticuna com a seita fanática Irmandade da Cruz, praticada pela maioria dos 5,5 mil índios da área".

A cultura indígena tem seus dias contados no Brasil. No excelente trabalho de pesquisa sobre o Tribunal da Inquisição no Pará, J.R. do Amaral Lapa³¹ atesta que "no interior da Amazônia, vivendo praticamente isolados ou em meio dos índios, os colonos dificilmente mantinham seu padrão de costumes, sendo que o processo de aculturação era no geral degenerativo para os índios".

E Coutinho de Oliveira³² afirma-nos que "todas as lendas indígenas ou pelo menos, as colhidas recentemente, revelam a contaminação do cristianismo", e isso ele testemunhou faz meio século.

Como vemos, nossos brasilíndios foram atacados naquilo que um povo possui de mais autêntico, que são seus mitos, seus costumes, sua cultura, enfim, sua identidade; em duas frentes: uma sutil, persuasiva e devastadora - a dos missionários - e outra mais imediatista, agressiva e cruelíssima - a dos aventureiros e comerciantes -. Porém, de todas as agressões sofridas pelos gentios, a mais nefasta foi e ainda é - aquela efetuada às suas crenças, seu fabulário, seus mitos, enfim, às suas raízes. Sem elas não há como reverter o processo de extinção a que estão condenados.

Atualmente já se percebe uma resistência organizada por parte de alguns povos indígenas, para se preservarem culturalmente, ou o que ainda lhes resta da cultura ancestral. Este é o caso dos Yanomami, "o último grande povo, a última grande nação que vive ainda com todo o seu acervo cultural sem ter sofrido perdas graves no seu contato com a civilização"³³. E estas organizações de defesa cultural e social indígena quase sempre contam com a participação de elementos religiosos, seculares ou não, mas, efetivamente ativos, que lhes prestam assistência.

31 LAPA, J. R. do Amaral. Livro da visitação do santo ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará. São Paulo: vozes 1978, p. 32.

32 OLIVEIRA, Coutinho. *Folclore Amazônico*. Belém: São José, 1951. v. 1, p. 97

33 MENSAGEIRO. Estudo n. 4, 52ªed. p. 154.

* O precursor do surto de messianismo foi o padre Samuel Fritz, "a quem o papel de messias não parece ter desagradado", conforme lemos em *História da Igreja na Amazônia*, p.38. (Nota desta edição).

A PRESENÇA DO ANIMAL E DO SEXO NO MITO

Os elementos de narrativa mitológica, maximé na região amazônica, são quase todos zoomorfos, e aí reside também um conteúdo simbólico cujas raízes perderam-se nos eões da história humana. Aparentemente o animal personifica algumas qualidades humanas, como por exemplo, a astúcia, que nas lendas tapuias encontra-se caracterizada no inofensivo jabuti, enquanto que nos mitos de origem européia, a mesma qualidade é atribuída à raposa; e na mítica africana, ao macaco. Como a nossa cultura recebeu legado das três raças - aborígine, negra e européia - encontramos com facilidade traços dessa miscigenação nalgumas lendas e contos por todo território nacional. É de se observar, porém, que a região Norte guarda ainda muito do acervo ancestral, ao passo que para a região Sul e Centro-Oeste, principalmente, as freqüentes correntes migratórias acrescentaram novos adornos, enfeites, adereços, de sorte que resta pouco do espírito fundamental que vive nas tradições populares.

Vejamos a opinião do já citado autor de "O Mundo Mágico dos Sonhos":

"O animal é sobretudo o instinto no que pode ser mais agudo: o Ver ou o Sentir, e também a Audição. Pelos seus órgãos sensoriais muito desenvolvidos, ele percebe e capta toda espécie de informações, de influências, de indícios, de sinais, que o homem não poderá jamais perceber. Para as sociedades primitivas, o animal estava presente na terra bem antes do homem; chamam-no o Ancestral, e nós carregamos, segundo a entidade totêmica à qual somos ligados, a marca, a característica astral de um ou outro animal, se não de vários...."³⁴

Buscar nos animais características ou atributos necessários a um guerreiro, é costume em todos os povos primitivos. Indígenas de diversas culturas identificam-se cerimonialmente com alguns animais ou batizam sua tribo e sua própria descendência com nome de bichos. E, além disso, nalguns povos antigos, celebrava-se, com periodicidade, rituais cuja finalidade consistia em promover o casamento entre o homem e a natureza, formalizando pactos e reforçando os liames invisíveis que garantiriam um período de fertilidade, de boas colheitas e de fecundidade, tanto para o solo cultivado quanto para as criações domésticas, para o rebanho e para a própria prole.

A análise detalhada e percuciente que fez Osvaldo Orico, subsidiária desse e de tantos outros trabalhos, observou que "mesmo certas festas e crenças que adquiriram sabor regional [...] São transplantações de cerimônias remotas, que os gauleses, germanos e escandinavos celebravam por ocasião dos solistícios de verão"³⁵. Obviamente se conclui que alguns mitos que ainda hoje ouvimos, são fragmentos desses antigos rituais pagãos, que o cristianismo perseguiu e fez desaparecer. Um típico ritual celta da fertilidade é apresentado e descrito com vigor e beleza de cores e poesia, pela escritora Marion Z. Bradley, na sua saga mágica "As Brumas de Avalon". Nele, um homem vestido como o animal sagrado e encarnado pela energia totêmica, simbolizando o poder fecundante, era posto em conúbio com mulheres - ou com uma virgem - que representavam o "espírito da terra", o receptáculo universal da energia criadora que era representada pelo homem.

³⁴ MERCIER, Mario. Op. cit. p. 54.

³⁵ ORICO, Osvaldo. Op. Cit. p. 54

No folclore de nossos indígenas e caboclos é frequente encontrarmos histórias onde figuram relações sexuais entre seres humanos e não-humanos, animais ou encantados. Na Amazônia temos esse delfim, o Boto, e temos, também, algumas versões do Curupira, em que o sexo é negociado como escambo. Temos ainda, o Xibui (Chíbui) e outros nunes, mas, ao contrário das lendas medievais onde o sexo é carregado de uma conotação cerimonial, nas nossas histórias ele não parece conter nenhum significado mágico e nem sentido moral. Há uma lenda sobre a origem do Sol e da Lua³⁶, onde são registradas diversas relações sexuais entre algumas mulheres e bichos.

A respeito dessas histórias eróticas com seres míticos, a opinião de Jung é a seguinte:

"El critico moralista dirá que esas figuras son proyecciones de estados sentimentales de ansiedad e de fantasias de carácter repudiable."

Entre as possibilidades levantadas por Mercier e as afirmativas da psicanálise, segundo a qual essas histórias constituem a expressão de desejos sufocados, inclino-me à primeira. Não acredito que a origem dos mitos e das relações entre seus elementos e os seres humanos sejam meras projeções inconscientes de alguns desejos represados, ou fantasias de almas sonhadoras, ou ainda, visualizações de pessoas mentalmente sugestionáveis. Defendo para o mito uma origem basal única, fundamentada na clarividência que os primitivos deviam possuir e que foram perdendo na medida que evoluíam até resultar no homem moderno. Quanto ao caráter sexual contido no mito e as relações entre um humano e um animal, parece que surgiram junto com a Criação, quando a primeira mulher de Adão, Lilith, era uma serpente!

As relações sexuais também constam de outro mito mais moderno, consoante com a Era Espacial em que vivemos: o mito dos Discos Voadores. Há relatos na casuística ufológica* onde atestou-se o contato carnal, a relação sexual, entre criaturas humanas e extraterrestres; e no curso da história humana há indícios inquietantes da presença de inteligências exobiológicas e seu concurso com os habitantes da Terra. E há ainda a crença, entre os nativos da região do Rio Negro, que através de "puçangas", que são umas beberragens preparadas com certas plantas, a pessoa - pajé ou feiticeiro - pode transformar-se em diversos animais, como boto, morcego, pássaro, etc., e sob essa forma ir ter com alguém. Essa transformação, por certo, não se dá no plano físico, ou seja, na metamorfose, na transfiguração de gente em bicho. É mais crível que se processe num plano astral, ao qual o praticante alcança pela ingestão de certas substâncias alucinógenas, que possibilitam ao seu duplo etérico ou corpo astral, abandonar o corpo físico e se identificar com o duplo do animal.

A idéia de que um "duplo" pode ser o elemento originador, o gérmen, de um mito - tal como o grão que ao penetrar na ostra se transforma em uma pérola - também é aceita pelo eminente Câmara Cascudo. Percebemos isto quando, em sua *Geografia dos Mitos Brasileiros*, afirma que *maragingoana* é um "duplo". Maragingoana é, para uns, a alma que, separada do corpo físico, aparece para alguém lhe anunciando a morte próxima; para outros, é tido como uma espécie de "espírito desordeiro". Porém, esse ser astral nada tem de luxúria e libertina-

36 VILAS BOAS, Orlando & Cláudio. *Xingu: os índios. seus mitos*. Porto Alegre: Kuarup, 1986.

* A Ufologia é uma ciência emergente que se dedica ao estudo dos fenômenos que envolvem as aparições dos UFOs (Unidentified Flying Object - Objetos Voadores Não Identificados ou OVNI) e de seres extraterrestres (ETs), e da consequente influência desses contatos sobre o planeta, sobre as plantas, animais e pessoas.

gem, essas características ou predicativos são de outra categoria, denominados *íncubos* (os masculinos) e *súcubos* (os femininos). Segundo os místicos e ocultistas, os íncubos e os súcubos são formas astrais originárias dos pensamentos obsedantes de natureza lasciva que conduzem a imaginação do indivíduo, durante o sonho, para uma real sensação de cópula, produzindo muitas vezes o orgasmo. Não há nada de anormal nesses sonhos eróticos, sua finalidade é libertar a pessoa da carga sexual reprimida, que se desbloqueia no mundo onírico, onde é a imaginação do sonhador que dita as normas, cria as regras e dirige o espetáculo.

Ter sonhos libidinosos está na natureza de todo ser humano, mas foram os religiosos catequistas que inculcaram nos selvagens, naturalmente supersticiosos, a crença de que estes sonhos, bem como os pesadelos e as perturbações que tinham durante o sono, eram artes de um demônio que os atormentava por estarem com culpas inconfessadas; por estarem incorrendo em pecado, etc. Dessa forma, os missionários disseminaram a crença num ente maléfico, um espírito do mal, responsável pelos tormentos noturnos e sonhos maus a que estavam sujeitos os índios. E o responsável por tudo isso era o Jurupari, “que aparece em sonhos, causando pesadelos às pessoas”.³⁷ Para Orico “o sexo é a tônica da atividade mental do índio como agente criador de uma literatura oral subordinada ao instinto, pelo uso de sucros e raízes excitantes”³⁸, mas isso não explica porque apenas a Iara, efetivamente, é a sedutora dos homens enquanto que as mulheres podem ser seduzidas por animais que se metamorfoseiam em homens. Eu creio que a questão do sexo nas lendas e mitos merece um estudo mais atencioso, pelo menos um ensaio.

³⁷ ORICO, Osvaldo. Op. cit. p. 62.

³⁸ Id. *ibid.* p. 25.

CLASSIFICAÇÃO

Antes de passarmos à segunda parte deste trabalho onde abordaremos diversos mitos, os mais significativos, convém darmos uma parada na classificação e tipologia que alguns autores nos oferecem. Não nos será difícil depois reconhecer em quais das categorias abaixo se enquadram as lendas que se seguem..

Coutinho de Oliveira apresenta-nos a seguinte classificação, logo na Introdução do seu "Folclore Amazônico":

I - Lendas Cosmogônicas

II - Lendas Heróicas

III - Lendas Etiológicas

IV - Lendas de Encantados

V - Lendas Ornitológicas

VI - Lendas Mitológicas (ciclo da lara, da Boiuna, do Boto, do Curupira e da Martin-Taperê). Estas também são chamadas de Mitos Primários ou Domésticos.

Já Couto de Magalhães³⁹ dá-nos o esquema abaixo para a classificação dos deuses superiores e dos entes sobrenaturais:

* Guaraci (Sol)	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Uirapuru} \\ \text{Jurupari} \\ \text{Uiara} \end{array} \right.$	**Jaci (Lua)	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Saci} \\ \text{Boitatá} \\ \text{Urutau} \\ \text{Curupira} \end{array} \right.$
Rudá (Amor)	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Cairé (lua cheia)} \\ \text{Caititi (lua nova)} \end{array} \right.$		

Por sua vez, Victor Jabouille⁴⁰ apresenta a seguinte tipologia:

1. Mito teológico - relata o nascimento dos deuses, os seus matrimônios e genealogias;
2. Mitos cosmológicos - debruça-se sobre a criação e o ordenamento do mundo e seus elementos construtivos;

39 Apud ORIÇO, Osvaldo. Op. cit. p. 44-47.

* GUARA-I: Guará = vivente e Ci = mãe.

**JAÇI: Já = vegetal e Ci = mãe.

3. Mito antropogônico - apresenta a criação do homem;
4. Mito antropológico - prolonga o anterior, descrevendo as características e desenvolvimento do gênero humano;
5. Mito soteriológico - apresenta o universo de iniciação e dos mistérios, das catábases e percursos purificatórios;
6. Mito Cultural - narra as atividades de heróis que, tal como Prometeu, melhoram as condições do homem;
7. Mito etiológico - explica a origem de pessoas e coisas; pesquisa as causas por que se formou uma tradição, procurando em especial encontrar episódios que justifiquem normas;
8. Mito naturalista - justifica, miticamente, os fenômenos naturais, telúricos, astrais, atmosféricos;
9. Mito moral - relata as lutas entre o Bem e o Mal, entre anjos e demônios, entre forças e elementos contrários;
10. Mito escatológico - descreve o futuro, o homem após a morte, o fim do mundo.

SEGUNDA PARTE

AS AMAZONAS

Tidas no princípio como fruto de uma observação mal feita pelos primeiros navegantes do Grande Rio; ou produto do delírio de um capitão espanhol; ou ainda, da ingenuidade clerical - sempre dispostos a aceitar o "absurdo" desde que viesse dos selvagens pagãos - de um frei Gaspar de Carvajal ou Cristobal de Acuña; as Amazonas permanecem, ainda, quase meio milênio depois, envoltas no mesmo véu de mistério, magia e sedução. Esse véu foi, em parte, descerrado pelo pesquisador Jacques de Mahieu, em seu livro "Os Vikings no Brasil"¹ e pelo arqueólogo Fernando Sampaio, autor de "As Amazonas".

Etimologicamente, Amazonas significa "sem seios"; de **A-Mazós**, pois acreditavam os antigos que as famosas guerreiras da Cítia oblavam o seio direito para melhor manejarem o arco e flecha. Contudo para o Barão de Santa-Anna Nery² o vocábulo tem raízes gregas, compostas por *ama*, que quer dizer "união" e *zona*, significando "cinto"; assim, *amazonas* pode ser traduzido por "unidas por um cinto". Já o paraense Alfredo Ladislau dá-nos, numa terminologia nativa, um significado que é exatamente igual ao que a lenda de Heródoto difundiu: "Aqueles que não têm seios" ou no dizer dos índios *Ikam-ny-abas*. Já o Padre de Acuña³ informa que "Yacamiaba" é o nome dado ao pico que se destaca mais entre todos os outros", nas altas montanhas -provavelmente do Tumucumaque - onde vivem "essas mulheres masculinizadas"; entretanto os Tapajós as conheciam por "cunhantensequina" ou "mulheres sem marido", que ao meu ver é a expressão mais adequada. Há, também, o vocábulo indígena "amassunu", que significa "águas que retumba" ou "ruído de águas", como um pouco provável gerador da palavra amazonas.

Busquei aqui oferecer um apanhado das prováveis origens do vocábulo "Amazonas" e seus possíveis significados, mas sejam quais forem, o fato é que devemos às lendárias guerreiras brancas da mitologia clássica, ao espanhol Francisco Orellana e ao Frei Gaspar de Carvajal o batismo que sofreu o "Mar Dulce" de Pinzon e o "Paranauaçu" ou "Paraguaçu" dos Tupis, como Rio das Amazonas e que por extensão denominaria toda a região. A lenda das Amazonas não se popularizou no Brasil, mas, a Amazônia e o rio Amazonas se transformaram em lenda mundial, pela imensa riqueza e potencial natural que guardam. Esperamos que a Amazônia não acabe como na canção de Vital Farias, "Saga da Amazônia":

"Era uma vez uma floresta na linha do Equador..."

¹ MAHIEU, Jacques. *Os viklngs no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

² NÉRI, Frederico José de Santana. *O país das amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

(O autor é amazonense e publicou na França com o nome de Santa-Anna Nery).

³ Apud MAHIEU, Jacques de. Op. cit. p. 17.

O BOTO

Zoologicamente se conhece na Amazônia duas espécies de boto, o vermelho e o preto ou "tucuxi", mas, recentemente o oceanógrafo Jacques Cousteau divulgou a descoberta de um terceiro tipo, o boto cor-de-rosa. O fato de ser branco, preto ou cor-de-rosa não importa quando se trata da inteligência desses cetáceos, que inclusive auxiliam os cientistas em pesquisas submarinas e atividades militares. Entretanto, o foco de interesses para o estudo folclórico está mais nos órgãos que determinam o sexo desses animais do que nas suas atitudes consideradas inteligentes.

Certa ocasião o Dr. Wilson Amanajás, que recolheu farto e pitoresco material folk em suas viagens pelo interior paraense e que, por algum tempo, publicou seus "causos" em jornais de Belém, contou-me sua teoria de que o mito da sedução e feitiço que o boto exerce, pode ter surgido a partir da semelhança existente entre o órgão sexual do macho da espécie com o pênis masculino, e o da fêmea com a genitália feminina. Segundo ele, um caboclo poderia estar copulando com um boto fêmea, e devido ao esforço para se manter sobre o roliço e escorregadio ventre, aliado ao natural desgaste físico próprio do ato, veio a desfalecer, e foi descoberto neste estado pelos companheiros. Para justificar tão vexatória situação, o caboclo saiu-se com uma história de que havia sido enfeitado, "mundiado", pelo animal. Se essa explicação carece de poesia, nem por isso está por completo distante da verdade. Sabemos que é comum, nos interiores, a zoofilia, o gostar de animais ao ponto de buscar neles o prazer sexual; daí ser plausível a teoria do Dr. Amanajás.

É comum ao amazônida atribuir dupla personalidade a certos elementos da flora ou da fauna. Assim, em relação ao boto, temos o delfim e o mito.

Reza a lenda que o boto costuma perseguir as mulheres que viajam pelos rios e inúmeros igarapés; às vezes tenta virar a canoa em que elas se encontram, e suas investidas contra a embarcação se acentuam quando percebem que há mulheres menstruadas ou mesmo grávidas. Esse particular é curioso, e devemos observar que, em relação a mulher menstruada, há uma série de abusões e tabus, que realmente servem de vetor para certas atitudes e crenças populares. Durante a pesquisa de campo, algumas pessoas confessaram temer viajar nos pequenos "cascos" ou "montarias", quando nelas está uma mulher "incomodada". Outras nos contaram que o simples olhar de uma mulher gestante é capaz de fulminar uma cobra, e se ela passar por sobre o réptil então, o efeito é imediato. E há, ainda, a crença, que alguns caçadores possuem, segundo a qual, o simples toque de uma mulher menstruada pode azarar suas armas, tomando-as imprestáveis.

A que se deve essa superstição é difícil dizer. Pode estar, de alguma forma, relacionada com as influências da Lua e com as energias exudadas pela mulher durante este período em que seu organismo sofre sensíveis mudanças. É facilmente demonstrável pela Radiestesia - com o emprego de um simples pêndulo - que a mulher, durante seu ciclo mensal, tem sua polaridade invertida; mas isso é assunto para a Parapsicologia.

Ele, o boto, é o grande encantado dos rios, que transformando-se num guapo rapaz, todo vestido de branco e portando um chapéu - que é para esconder o furo no alto da cabeça, por onde respira - percorre as vilas e povoados ribeirinhos, frequenta as festas e seduz as moças, quase sempre engravidando-as. Há, inclusive, estórias em que a moça é fecundada

durante o sono...

Para se livrarem da "influência" do bicho, os caboclos vão buscar ajuda na magia, apelando para os curandeiros e pajés. O primeiro com suas rezas e benzeduras exorciza a vítima, e o segundo "chupa" o feto do ventre da infeliz. É esse Don Juan caboclo, o sedutor das matas, o pai de todos os filhos cuja paternidade é "desconhecida", que deu origem a deliciosa expressão regionalista: "Foi o boto, sinhá!"

A credibilidade no mito é tamanha que há casos de pescadores perseguindo e matando o pobre cetáceo, por achá-lo responsável pela gravidez indesejada de suas filhas ou mulheres.

Na magia nativa ou pajelança, os órgãos sexuais, tanto do macho quanto da fêmea, possuem propriedades afrodisíacas extraordinárias e podem ser facilmente encontrados no mercado de ervas do Ver-o-Peso, em Belém*. Também, nessas barracas especializadas se pode comprar os olhos do boto, que possuem qualidades talismânicas excepcionais quando preparados - ou como dizem os caboclos: "curados" - por um pajé. Segundo os expertos no assunto, é o olho direito o portador das propriedades mágicas. Este, depois de seco, produz um ruído quando é sacudido, mas alguns barraqueiros já introduzem um grânulo no interior do olho esquerdo, antes que esse seque, para que passe pelo verdadeiro olho direito do boto.

Dizem, também, que os dentes do boto podem ser usados no combate às dores da primeira dentição, e os miolos podem ser empregados numa beberagem que coloca a pessoa que bebê-la, sob o domínio e poder de outra. A gordura extraída do peixe-boto dá um excelente azeite para candeieiros, mas dizem que pode causar cegueira.

Há muitas histórias sobre o boto. Um relato curioso foi colhido pelo Padre Alcionilio Brúzzi⁴, por volta de 1952. Conta esse missionário que na tribo Taryana, do povoado Araripirá, no Rio Uaupés, uma antiga aluna da Missão de Iauareté, casou-se com um moço Tukano [...], outro rapaz queria tê-la como esposa, e por vingança, indo certa vez em passeio pelo mato com o marido dela, deu-lhe a pegar uma folha de *pirá-yawáre-púri*, planta do boto". O relato continua informando que certo dia "o marido ficou como boto", isto é, resfolegando como faz o boto fora da água, até que por fim mergulhou no Rio Negro, lá em Tapurucuara - antiga Santa Izabel -. Patrícia Izabel, a narradora do fato que o Padre Brúzzi transcreveu, informa ainda que o marido enfeitiçado ficou durante o dia todo dentro da água. Os botos o empurraram para a terra e ele "virou gente outra vez, e várias vezes "ele tem virado boto".

O **alter-ego** feminino do boto é a IARA, uma bela mulher cujo canto enfeitiça e atrai os jovens para o fundo dos rios ou lagos. As primeiras referências ao mito datam, segundo o pesquisador Ararê M. Bezerra⁵, de meados do século XIX.

4 BRÚZI, Alcionilio da Silva. *A civilização dos indígenas do Uaupés*. São Paulo: Linográfica Editora Ltda, 1962.

5 BEZERRA, Arare Marrocos. *Amazônia, lendas e mitos*. Belém: Editora da EMBRAPA, 1985.

* "Dezenas de botos tucuxis são sacrificados semanalmente na Ilha do Marajó para abastecer o Ver-o-Peso com seus órgãos genitais.(...) Comprar vagina ou pênis de boto é negócio antigo aqui, disse o comerciante Adalberto Leal, 39 anos, há 11 vendedor de ervas. Para os crédulos, completa ele, usar amuleto com o sexo de 'bota' pendurado ao pescoço atrai boa sorte no relacionamento com os sexo oposto." (Trecho da reportagem *Matança de boto no Marajó*, jornal O Liberal, set. 1997, via Internet). A pesca predatória e a matança indiscriminada de botos para atender este comércio ilegal tem sido motivo de justa preocupação para os ambientalistas e organizações não-governamentais ecológicas defensoras do Marajó.

IARA

Uiara, Oiara, Eiara, Igpupiara, Hipupiara

Mito baseado no modelo das sereias dos contos homéricos, a Iara é a Vênus amazônica; é uma ninfa loira de corpo deslumbrante e de beleza irresistível. Sua voz é melodiosa e seu canto, tal como no original grego, é capaz de enfeitiçar a todos que o ouvem, arrastando-os em sua direção, até o fundo do rio, lagos, igarapés, etc., onde vivem esses seres fabulosos. Na Amazônia o tapuio que escuta o cantar da Iara fica "mundiado" e é atraído por ele; o mesmo se dá com as crianças que desaparecem misteriosamente. Crêem os ribeirinhos que essas crianças estão "encantadas" no reino da "gente do fundo". Lá o menino é instruído no preparo de todos os tipos de puçangas e remédios. Ao fim de sete anos, durante os quais foi iniciado nas artes mágicas, na manipulação de plantas e ervas, etc.; o jovem pode retornar para junto dos seus, onde, geralmente, se torna um grande xamã, um medicine-man.

Se as sereias e seu consorte, o Tritão, existem realmente, ninguém sabe, mas um caso acontecido com o senhor Cícero, velho pescador e antigo delegado da cidade de Soure, na Ilha do Marajó, quase nos deixa com um testemunho da existência dessas criaturas. O caso nos é contado pelo neto do protagonista, o pesquisador e estudioso de magia nativa, Antonio Jorge (Brito da Silva) Thor⁶.

Corria o ano de 1925, e como sempre faziam, seu Cícero e seus amigos prepararam-se para mais uma pescaria no seu pesqueiro favorito, de onde nunca saíam sem que estivessem carregados dos mais diversos peixes. Este lugar era secreto, conhecido apenas por eles, mas naquela noite enluarada, uma estranha calmaria, uma quietude desconhecida no mar, prenunciava surpresas.

As horas passavam e, estranhamente, nenhum peixe beliscava as imóveis iscas e anzóis. De repente o senhor Cícero sentiu um forte puxão na linha, indicativo evidente de que fagara um dos grandes; o que foi confirmado pelo esforço que fazia para puxar a presa, tanto que teve de pedir ajuda aos companheiros. Deixemos que Thor continue:

"Em dado instante a parte que parecia estar bem iscada, cedeu!... Naquele momento, oportunamente, o pensamento foi um só: - Perdemos o peixe! Entretanto, ao chegar com o anzol a flor d'água [...] estava lá, bem enrolado no anzol de bom tamanho, algo que os faria interrogativos para o resto de suas vidas: - um monte de cabelos loiros, os quais mediam entre 1,5 metro a 2,5 metros."

O pavor que tomou conta dos surpresos pescadores foi tanto que fugiram do local abandonando anzóis, linhas e, provavelmente, a única prova palpável, insofismável, de que as sereias, as Iaras, existem.

Na nossa cultura o mito da deidade fluvial Iara, mesclou-se com seus congêneres europeus (sereias) e africanos (Iemanjá) causando alguma confusão. Confusão esta provocada pelo que Victor Jabouille chama de "espírito de evangelização", que todo colonizador se acha possuído, a ponto de "destruir as velhas tradições e os velhos mitos pela imposição das reali-

⁶ THOR (ou THOT, como é chamado atualmente), Antonio Jorge. *Introdução à teoria dos elementais*. Edição do autor. Não tem ficha catalográfica, mas nos garantiu ele que foi publicado no ano de 1985, em Belém.

dades alheias. "Por força dessa circunstância, outro de nossos mitos autóctones que incorporou elementos europeus e africanos foi o do SACI PERERÊ que é muito confundido com o CURUPIRA e com o CAAPORA.

CAAPORA

Na bibliografia que compulsamos, a maioria dos pesquisadores não apresenta um consenso quanto às características e particularidades deste que vêm a ser um dos mais férteis nume caboclo. Encontramos os seguintes nomes e grafias: **cayapóra, cayapora, kaápora, caipora, jurupari, anhangá, koropyra, curupira, currupira, tatacy, çacy, saci, saci-pererê, sacy-cererê, maty, matinta, matinta pereira, mati-taperê** ou simplesmente **sererê**.

O que queremos mostrar é a dificuldade para se dar a esse mito um contorno definido e esclarecer as funções da divindade. E é exatamente aí o fulcro da confusão que coloca o Caapora, o Curupira e o Saci, como uma só entidade. Embora exista uma diferença estrutural evidente entre Caapora e Çacy*, ambos são membros da mesma família. O vocábulo **Caá-pora**, ligado à imagem de protetor, função exercida pelo Curupira e pelo Saci, na nossa opinião, é o verdadeiro foco da confusão. Veremos mais adiante, com um pouco mais de detalhes, alguns dos elementos que compõem a família dos demônios protetores das selvas amazônicas. Mas, voltemos ao Caapora, que Gonçalves Dias registrou em "O Brasil e a Oceania" com as seguintes palavras:

"O Caapora veste as feições de um índio anão de estatura, com armas proporcionais ao seu tamanho; habita o tronco das árvores carcomidas onde atrai os meninos que encontra desgarrados na floresta, outras vezes divaga sobre um tapir ou governa uma vara de infinitos caitetus, cavalgando o maior deles. Os vaga-lumes são seus batedores, é tão forte seu condão que o índio que por desgraça o avistasse era mal sucedido em todos os seus passos. Daqui vem chamar-se Caipora ao homem a que tudo se dá ao contrário."

O Caapora apresenta-se como um moleque pretinho, que cavalga porcos selvagens; mas também pode ser descrito como uma caboclinha de longos cabelos, duros feito espinhos, e que, em troca de tabaco, é capaz de dar ao caçador tanto a caça que ele deseja quanto o próprio sexo.

Os índios e caboclos acreditam que prendendo um Caapora, ele é obrigado a conceder um "poderzinho" ou atender a um desejo, em troca da liberdade. A armadilha para capturá-lo e a isca utilizada consistem apenas numa cuia e aguardente. Derrama-se a cachaça na cuia, que deve ser colocada num lugar onde ele já tenha aparecido, ou no local para onde tenha sido chamado previamente. Depois de ter bebido a cachaça, torna-se presa fácil para qualquer um, porém até hoje ninguém conseguiu realizar tal façanha.

Apesar de, em alguns casos, essa entidade aparecer como má e vingativa, a versão geral é de que ele é um duende protetor da floresta e da caça. Daí alguns autores o identificarem com o Curupira, como já vimos, mas ele guarda, também, certa semelhança com outro habitante das matas, outro gênio florestal, o MAPINGUARI.

7 DIAS, A. Gonçalves. *O Brasil e a Oceania*. Paris: H. Garnier. s. d.

* Além dos caracteres físicos, diferem também nos etimológicos: Caá significa mato e Cy, mãe, portanto "Çacy" é Mãe do Mato; enquanto "Caá-pora" significa, morador da mata.

MAPINGUARI

Esta criatura é descrita como um macaco de tamanho descomunal -5 a 6 metros - peludo como porco espinho, "só que os pêlos são de aço"⁸. Dentro dessa descrição - um grande macaco, "uma espécie de orangotango, coberto de longo e denso pelágio", etc. - encontramos, como veremos, o Curupira, mas as semelhanças não terminam aí; numa versão o Mapinguari tem um só olho, enorme, no meio da testa, e uma bocarra vertical que desce até o umbigo; Hurley descreve o Curupira de maneira parecida.

Cada passo do Mapinguari mede três metros e seu alimento favorito é a cabeça das vítimas, geralmente pessoas que ele caça durante o dia, deixando para dormir à noite. Há aqueles que afirmam ser impossível matá-lo: é invulnerável. Noutra versão ele é apresentado como um ser dos mais fantásticos, com dois olhos, mas "três bocas", sendo uma debaixo de cada braço e outra sobre o coração. Essa última é considerada seu "calcanhar de Aquiles", pois quando ele abre a boca pode-se acertar seu coração, única maneira de matá-lo.

Em reportagens para a revista ISTOÉ n^{os} 1266 e 1294 (05/01/1994 e 20/07/1994, p.35-36 e p. 44-47, respectivamente), o norte-americano David C. Oren, doutor em zoologia e especialista em biodiversidade amazônica do Museu Paraense Emílio Goeldi, derruba a lenda que o Mapinguari é um grande símio. Ele afirma a existência de um gigantesco bicho-preguiça terrestre de 200 a 300 quilos e 2 metros de altura, ainda vivo nas selvas amazônicas, que ele diz ser o Mapinguari. O Dr. Oren baseia suas teorias, afirmações e pesquisas em restos fossilizados e relatos de índios e garimpeiros: "Conheci pelo menos 30 pessoas que viram o Mapinguari e mais de 100 que acharam seus rastros". E sentencia:

"Da mesma forma que a Cobra Grande é baseada na cobra sucuriju, e o boto encantado que vira homem para engravidar as mulheres se origina no boto da bacia amazônica, a inspiração do Mapinguari é o preguiça terrestre."

8 OLIVEIRA, Adélia Engracia de. *O mundo encantado e maravilhoso dos índios Mura*. Belém: Falangola, 1984, p. 35.

CURUPIRA

Na Enciclopédia Delta Larousse, *curu* é traduzido como *sarna*, e *pír* como *pele*; contudo uma tradução mais adequada apresenta *curu* como sendo a abreviatura de *curumi*, e *pira* significando *corpo*, assim temos que Curupira pode ser entendido como "aquele que tem corpo de menino", por motivos óbvios, como veremos.

Na teogonia indígena o Curupira apresenta-se como um moleque de aproximadamente sete anos, com o corpo coberto de longos pêlos e tendo os pés virados para trás. As primeiras informações foram registradas pelos portugueses, nos primeiros séculos do descobrimento, e desde aquela época é visto como um ente maléfico, um demônio ou um mau espírito; evidentemente que foi pintado com as tintas da paleta dos missionários, as mesmas que coloriram o Jurupari.

As informações também são as mais diversas: Ora é um duende benfazejo, ora um demônio mau; ora um gnomo ou um ogro. O ponto em que todos são unânimes é quanto sua condição de deus autóctone das selvas, um protetor. Na sua Geografia dos Mitos Brasileiros, Cascudo expõe o seguinte trecho:

"...vigiando árvores, dirigindo as manadas de porcos do mato, veados e pacas, assobiando estridentemente, passa a figura esguia e torta do CURUPIRA, o mais vivo dos duendes da floresta tropical."

Segundo ainda o eminente folclorista, aparecem referências a esse gênio florestal em todo país, nas florestas setentrional, central e meridional, e até no exterior.

Na Argentina ele é "Curupi" e tem o curioso poder de transformar o pênis em um laço, o qual prende suas vítimas. Ele vive também no Paraguai, no Uruguai e no Chile, provavelmente devido a extensão da língua guarani. Afora a interessante característica do "Curupi" argentino, não encontramos nada digno de nota nos outros países. Há, entretanto, no Brasil, versões em que o Curupira aparece com avantajado órgão sexual, que utiliza como tacape. Conta-se que durante as tempestades ouve-se bater nas sapopemas* e troncos das grandes árvores. É o Curupira que com o próprio e descomunal membro, verifica se elas estão em condições de aguentar os fortes ventos. Noutras versões ele se utiliza de uma pesada maça ou dava, ou do próprio calcanhar, que é para frente.

Como protetor das florestas, castiga impiedosamente aquele que caça por prazer, que mata as fêmeas prenhes e os filhotes indefesos, mas ampara o caçador que tem na caça seu único recurso alimentar, ou que abate um animal por verdadeira necessidade.

Para alguns autores ele é uma falange de tapuios machos e fêmeas, "uma multidão de espíritos"⁹, uma legião de seres ou espíritos com uma finalidade única, determinada e exclusiva, que é a proteção ao animal selvagem e árvores de grande porte. Voltaremos a esse tópico mais adiante, quando abordarmos os seres míticos e os elementais.

9 MOURA, J. G. apud. OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Op. cit. p. 22.

* Sapopemas - espécie de raiz que atinge grandes dimensões, capaz de abrigar um homem em pé. Ajuda a dar estabilidade às grandes árvores, como as samaumeiras

As descrições físicas são díspares e confusas: numa o Curupira aparece de "*acanga piroka*" - cabeça careca -, noutra é coxo e unípede. Também pode aparecer descrito como uma velha com uma única perna - ver Saci -. Jorge Hurley¹⁰ descreve-o como "um índio forte e todo peludo, com um só olho central e sem ânus, que defeca pela nuca". Esse arremedo de Cíclope pode se tornar ainda mais bizarro, pois, pode ter dentes azuis ou verdes. Também pode ser um pequeno tapuia de 6 a 7 anos ou um "grande e disforme macaco". Parece que nesse mito a imaginação galopou a rédeas soltas. A esse respeito vale conferir a compilação efetuada por Adélia Engrácia¹¹, constando de 24 autores que descrevem o Curupira de maneiras distintas. A figura mais comum é a de um ser antropomórfico, de pequena estatura - criança ou anão - muito peludo e com os calcanhares voltados para a frente.

Os relatos sobre um símio gigante são poucos. Um deles é do Padre Alcionilio Brüzzi¹² que em nota de pé de página, registra que em 1945, algumas mulheres avistaram um "enorme macaco" caminhando ereto. Segundo o relato, elas chamaram o senhor Manoel Crescini, salesiano da Missão onde trabalhavam e este verificou a existência de grandes pegadas na areia da estrada e dos vestígios da passagem de um grande animal, que atravessando a estrada penetrou na mata deixando um caminho de um metro ou mais de largura, rompendo a galharia. Há ainda o testemunho de outros missionários que acorreram ao local. Segundo o Padre Brüzzi, o animal é chamado BORARÓ, e pode assumir a forma humana, adulta ou infantil. E acrescenta ainda o religioso que a pegada media 50 centímetros; que a fêmea do BORARÓ tem um seio normal e outro desmensurado; que alimentam-se de grandes animais e do sangue humano e são invulneráveis. Esse parece ser o último registro que se tem desse mito que está em franca extinção, o Curupira - suponho que as características apontadas nos conduzam a ele.

Apesar de fantástico, não nos é difícil acreditar na existência de grandes macacos ou de criaturas entre o homem e o macaco. Esta crença fez surgir um grupo especial de pesquisadores e aventureiros, os Criptozoólogos, que percorrem o mundo investigando todos os indivíduos que comprovem a existência de animais fantásticos, desconhecidos e estranhos. Um desses aventureiros, o Coronel Percy Fawcett, que escreveu sobre "cidades perdidas, estranhas e desconhecidas tribos e cobras gigantes nas florestas da América do Sul"¹³ desapareceu em 1925 nas matas amazônicas, certamente perseguindo uma lenda ou mito que o conduzisse a novas descobertas extraordinárias.*

Recentemente, em 1992, uma equipe de sete cientistas organizou uma expedição à República de Kabardin-Balkaria, no Cáucaso Central. Eles partiram em busca do "Almasty", parente do Ieti (Yeti) ou Abominável Homem das Neves siberiano; do Homem-Macaco chinês; do "Big Foot" ou Sasquatch norte-americano ou canadense e, provavelmente, do Curupira-Boraró amazônico. Até o momento em que escrevo este capítulo não sei se a expedição foi coroada de êxito.

10 HURLEY, Jorge, apud. OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Op. cit. p. 25.

11 OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Op. cit. p. 18-28.

12 BRÜZZI. Alcionilio da Silva. Op. cit. p. 333.

13 Revista Planeta, n. 167, agosto 1986, p. 14.

* O Coronel Fawcett desapareceu nas matas da Amazônia juntamente com seu filho Jack e outro aventureiro, seu amigo. Jamais foram encontrados e nem deixaram vestígios. Eles procuravam uma antiga cidade perdida que denominaram "Cidade X", pela região de Mato Grosso. Guiavam-se por um antigo mapa, que Fawcett acreditava fosse conduzi-lo a vestígios da Atlântida. Acredita-se que foram mortos por índios. (Nota do autor).

Assim, vemos que não é só na Sibéria, no alto Himalaia, ou nas regiões nevadas da América do Norte e Canadá, ou ainda, na China, o único habitat desse provável "elo perdido", a Amazônia guarda também o seu "Pé Grande". Adélia Engrácia faz referências a uma entidade dos índios Mura, que possui "os pés grandões, mas, igual ao nossos, com o calcanhar para trás"¹⁴

Lembro-me de ter lido algo sobre uma tribo que possuía os pés à semelhança dos do Curupira, ou seja, com os calcanhos para frente. Chamavam-se Matayús ou Matuiús, e em sua Geografia dos Mitos Brasileiros, Câmara Cascudo também faz referências a esses índios. Outro autor a citar os Matuiús é Hernani Donato, no seu Dic. das Mitologias Americanas.

É possível que tenha existido uma tribo inteligente o bastante para criar um artifício com o qual iludissem seus perseguidores, dando a impressão de caminhar numa direção, quando na verdade, se dirigiam para outra, em sentido oposto; entretanto, é impossível uma tribo inteira com tamanha anomalia sem que houvesse registros mais confiáveis. Urbino Viana informa-nos ter visto um calçado confeccionado pelos Xerentes em palha trançada, que apresentava os calcanhares para adiante..

Há também casos de selvagens que provocam alterações antinaturais em seus corpos, seja por uma questão de estética, seja por razões defensivas: criando uma aparência amedrontadora, pretendem afugentar os inimigos. Este é, por exemplo, o caso dos índios Cambeba, das margens do Solimões, que tinham o hábito de deformar a cabeça desde criança dando-lhes uma aparência esquisita e bizarra. "Toda essa populosa nação - escreve Alexandre Ferreira¹⁵ - tem a cabeça chata, não por natureza, mas sim, por artifício; porque logo que nascem, as apertam entre duas tábuas, pondo-lhes uma sobre a testa e outra no cérebro; e como se criam metidos nessa prensa, crescendo para os lados, ficam disformes". Algo semelhante faziam os antigos japoneses com as meninas preparadas para serem gueixas. Apertavam-lhes os pés e os mantinham assim, de forma que não crescessem proporcionalmente ao corpo; ficavam pequenos e deformados, mas garantiam aquele andar miúdo e gracioso.

Pés disformes também possuem outros entes mitológicos, como o Pé-de-Garrafa e o Capelobo¹⁶, e Câmara Cascudo registra ainda que Mapinguari - *mbaê-pi-guari* - significa "a coisa que tem o pé torto, ao avesso; que tem casco de burro, mas ao contrário". É interessante notar que a palavra "pecado" vem de "*pecus*" ou "pé-torto"; que não pode caminhar corretamente; que é "coxo", capenga, etc.; e que a figura do Mal é apresentada com os "pés-de-bode" e "coxo" e um dos nomes dado ao Diabo.

O Curupira também protege os pescadores que se aventuram nos incontáveis rios, igarapés, etc., durante o período das chuvas; que é mais forte entre os meses de novembro e maio. Nessa época uma pesada cerração desce da copa das árvores e se espalha sobre a superfície das águas, cobrindo tudo com um "espesso manto esbranquiçado" e instalando um silêncio sepulcral. A navegação dos pequenos barcos sem instrumentos de navegação é prati-

14 OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Op. cit. p. 29.

15 FERREIRA, Alexandre R. *Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Conselho Federal de Cultura, Imprensa Nacional, 1974, p. 50.

16 Cf CASCUDO, Luis da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974, p. 261- 262.

camente impossível. É o que nos garante Einar da Costa, prático que por mais de 40 anos navegou pelos rios da Hiléia, e dá seu testemunho:

"Muitas vezes quando a cerração provocada pelas chuvas persiste por muito tempo, os tripulantes das canoas e dos pequenos barcos apelam para o *remédio* contra a cerração: colocam sobre a tolda uma cuia cheia de água, farinha e açúcar, é o famoso CHIBÉ*

CHIBÉ para o CURUPIRA beber e ter forças para espantar o fantasma da cerração. É a credence, contra as forças da natureza, mas o caboclo ribeirinho confia neste 'remédio'".

E finaliza o velho Prático afirmando que "... sempre dá certo: a cerração vai clareando, vai passando..." 17

Como percebemos, o Curupira incorporou outros atributos e ampliou seus poderes e sua área de ação, mas permanece o caráter benfazejo e protetor. Apesar disso a versão tradicional informa que um encontro com esse duende é sempre desagradável e marcante. Um dos artifícios que os caboclos utilizam quando percebem que são vítimas do Curupira, é fazer pequenas cruces de madeira, fortemente amarradas com cipó timbuí, e esconder a ponta do nó. Dizem que o Curupira fica tentando desfazer o nó e se esquece do caçador, que pode então escapar, safar-se.

Outro método consiste em cortar a casca da árvore com um golpe de facão ou terçado. Isso obriga o Curupira a parar e atender a árvore ferida, e permite ao caçador escafeder-se. Porém, se você deseja evitá-lo e afastar sua influência, há uma fórmula que os antigos garantem ser infalível. Consiste em benzer o fumo e soprá-lo sobre o corpo antes de penetrar no mato.

Muito se tem falado sobre a aculturação sofrida pelos povos indígenas do Brasil. Esse processo solapou a cultura nativa e provocou o desaparecimento de fontes primárias de grande valor. Por conseguinte, as fontes de consultas não são tantas quanto a diversidade de informações; e lançam pouca luz sobre o que já existe. É possível que muitos mitos e lendas tenham desaparecido total ou parcialmente; ou se fragmentaram de tal forma que os seus pedaços gravitaram, como satélites, em torno de outras maiores, até que foram assimilados, integrando-se ao corpo maior. Isso, se assim for, poderia explicar a confusão que acabamos de ver.

17 DANTAS, Einar da Costa. *Amazonas, Rio de muitos nomes*. s.l.: Imprensa Naval, 1987. p.177

* CHIBÉ é um mingau de farinha e água, muito consumido pela população pobre do interior.

JURUPARI

Juruparím, Jeropary, Jeropoari, Yurupari, Iurupoari, Jurupari- Pereira ou Perê¹⁸

Segundo Batista Caetano, **y-ur-apá-ri** pode significar "ser que nos vem à rede, o pesadelo, o sonho mau". Teodoro Sampaio, no entanto, é de opinião que iurú-pari significa "boca fechada, segredo"; conceito semelhante ao do Padre Constantino Tastevin: iu-ru-pari = máscara na boca ou no rosto. Para Coudreau o significado de jurúpará-i é "saído da boca do rio"; e o sábio Stradelli dá a seguinte etimologia: iurú, boca, e pari, grade de talas com que se fecha a saída dos igarapés. Veja-se, também, Couto de Magalhães¹⁹, para quem "Jurupari é corruptela de Jurupoari", que significa "tirar da boca".

Jurupari é uma denominação Tupi para um demônio particular, mas, foi usada com exclusividade pelos missionários para designar qualquer demônio; até assumindo o lugar do diabo cristão nos trabalhos de catequese dos índios. Aparece em outras tribos, como os Baniva, como KOWAI ou KÓAI, todavia, possui um opositor, uma evidente criação catequética, que incorpora os conceitos religiosos do Bem; é INAPÍRI-KÚRI ou Jesus Cristo. Os Uaupés chamam-no de WÁX-TI ou "espíritos maus".

A lenda diz que Jurupari é um deus que veio do céu em busca de uma mulher perfeita para ser esposa de Coaraci, o Sol, mas, não diz se ele a encontrou e, segundo Orico, essa missão é inatingível. Jurupari foi o maior legislador que os índios conheceram, assemelhando-se a Quetzalcoatl, a "Serpente Emplumada", deus reformador e legislador Maia.

Enquanto conviveu com os homens, estabeleceu uma série de normas de conduta e leis morais; instituiu a monogamia, a higiene pessoal através da depilação corporal, restituiu o poder aos homens que viviam em um regime matriarcal; promoveu modificações nos costumes e na lavoura; e especialmente deve-se-lhe as festas de colheita. Tão grande foi a sua influência e tão importante seus ensinamentos que o Dr. Hurley, com muita propriedade, definiu-o como o "Moisés tapuio". Algumas das leis do Jurupari permanecem válidas até hoje e são as seguintes:

- O chefe cuja mulher for estéril poderá tomar outras para si, sob pena de perder o trono para o mais valente;
- Ninguém cobiçará a mulher de outro, pagando a desobediência com a vida;
- A mulher deverá permanecer virgem até a puberdade e jamais prostituir-se;
- A mulher casada deverá permanecer com o marido até a morte sem traí-lo;
- O marido deve permanecer em repouso durante uma lua, após o parto da mulher;*

¹⁸ Cf. CARVALHO, José. *O matuto cearense e o caboclo do Pará*. Belém: Oficinas Gráficas Jornal de Belém, 1930, p.40.

¹⁹ Apud CASCUDO, Câmara. Op. cit. 1972, p. 477.

* A couvade é costume milenar, praticado também por outros povos (Nota desta edição).

- O homem deve sustentar-se com o trabalho de suas mãos;
- É punida com a morte a mulher que ver o Jurupari e o homem que revelar seus segredos e seus rituais.

Segundo a lenda, a mãe do Jurupari era uma índia virgem chamada Ceuci*, "filha de Tupã e Zuacacy", conforme- Ernesto Cruz²⁰, e instigada pela curiosidade foi espionar os rituais, contrariando assim a lei instituída pelo filho. Para servir de exemplo de que as leis do Jurupari não podem ser transgredidas, foi condenada à morte.

A cerimônia do Jurupari tem seu ritual em fins de março, que coincide com o período em que as águas diminuem e prenunciam o verão, que começa em maio. Na verdade, na Amazônia não existe inverno e verão, o que chamamos inverno e verão é caracterizado pelas chuvas, abundantes num e escassas noutro período. Na Europa, esse período coincide com o equinócio solar, que determina o início da Primavera, durante a qual se realizava antigamente - e ainda hoje - muitos rituais pagãos.

O Jurupari é um arquétipo presente em diversas culturas, não é um privilégio Tupi, mas por ser essa a maior família índia, espalhada por grande extensão territorial, e por ser a língua Tupi-Guarania mais difundida, os pesquisadores antigos concentram nela os seus trabalhos.

20 CRUZ. Ernesto. *Na terra das Igaçabas*. Belém: Gráfica do Instituto D. Macedo Costa, 1935. Na p. 37 lemos Zuacacy (mãe do céu), talvez por erro gráfico, -3, o Z não existe no alfabeto Tupi.

* também se grafa Ceucy, Cyucy, Ceichu, Ciyucê, Ciuce.

MACUNAÍMA

Macunaíma é um misto de deus e herói lendário do extremo norte da Amazônia, alto Rio Branco, área do grupo Aruaque, e foi trazido a lume pelo grande pesquisador alemão Köch Grünberg*. Sua presença também é atestada noutros países da região, como a Venezuela. Tal como o Jurupari, este também é um enviado dos céus. Converteu troncos de madeira em gente e bichos.

Hernani Donato, em seu *Dicionário das Mitologias Americanas*** diz que, entre os macuxis, Macunaíma, literalmente quer dizer- “o bom que trabalha à noite”.

Encontramos similaridade entre essa lenda e as do Jurupari, Mavutsinim, Curu-Sacaébe, Sumé e Bep-Kororoti, mas não há registros de rituais e cultos a Macunaíma. A figura mais conhecida é a de um "anti-herói", um Pedro Malasarte tupiniquim, criada e difundida por Mário de Andrade.

* Segundo Köch Grünberg, Macunaíma é um herói criador e transformador taulipáng. Seu nome é composto de **maku**: mau, e do sufixo aumentativo **ima**. Macunaíma caracteriza-se pela sua malícia e astúcia. Por isso eu o acho assemelhado ao deus Hermes, da mitologia clássica. (Nota desta edição).

** Cf DONATO, Hernâni. *Dicionário das Mitologias Americanas*. S. Paulo: Ed. Cultrix, 1ª edição, 1973.

MAVUTSINIM, CURU-SACAEBE, SUMÉ E BEP-KOROROTI

Mavutsinim é uma lenda que faz parte da cosmologia Kamayurá ou Kamaiurá e fala da criação do homem, do Sol e da Lua. Para os Kamaiurá, Mavutsinim foi o primeiro homem; antes dele não existia ninguém, como escrevem os Villas Boas:

"No começo só havia Mavutsinim. Ninguém vivia com ele. Não tinha mulher. Não tinha filho, nenhum parente ele tinha. Era só."²¹

Para acabar com sua solidão, Mavutsinim transformou uma concha em mulher e com ela teve um filho. Os Kamaiurá acreditam que são os descendentes deste filho: "Somos netos do filho de Mavutsinim", dizem eles. Já entre os índios Kaiapó, ele aparece como MAVOTSININ²², um ser "alto e brilhante" que saiu de uma gruta. Para Thor ele é um astronauta, ou melhor, um UFOnauta.

Curu-Sacaebe aparece na obra de J. Coutinho de Oliveira²³ e tal como os anteriores, também fez o homem e os animais a partir de toras de madeira.

Sumé, por sua vez, aparece citado pelo padre Manuel da Nóbrega em suas *Cartas do Brasil (1549)*. É uma figura misteriosa, que surgiu "antes do Descobrimento - informa o mestre Câmara Cascudo - e ensinou aos índios o cultivo da terra e as regras morais"²⁴. Uma curiosidade específica de Sumé é ele ser um branco e ter desaparecido "caminhando sobre as águas do mar", em direção à Índia. As características apontam para um pajé de raça branca. A tradição tupi-guarani fala de um homem sábio e milagreiro que veio até eles há muito tempo: um provável precursor dos missionários, a quem chamou Sumé (tupi) ou Pay Zumé (guarani). É possível que seja uma corruptela de Tomé*, o apóstolo incrédulo. Tomé foi designado para levar o Evangelho de Cristo aos gentios, aos selvagens.

21 VILLAS BOAS, Orlando & VILLAS BOAS, Cláudio. *Xingu: os índios, seus mitos*. Porto Alegre. Kuarup.1986.p.55.

22 THOR, A. Jorge & BEZERRA, Araré M. *Amazônia: símbolos, enigmas e astronautas*. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1977. p. 101-103.

23 OLIVEIRA, José Coutinho de. *Folclore amazônico*. Belém: São José, 1951. v. 1.

24 Cascudo. Op. cit. p. 818

* J. de Mahieu (1976, 132 et all) afiança que estes relatos se referem ao sacerdote normando padre Gnupa, que chegou ao Brasil por volta de 1250 (cf pg 132, op.cit.). E na página 133 ele escreve: "Três anos mais tarde, o Padre Nóbrega voltava a tocar no assunto: 'Os naturais brasileiros possuem informações sobre Santo Tomás, que chamam de Pay Zumé. É uma tradição, recebida através de seus antepassados, que afirma ter ele atravessado essas regiões...'." (Nota desta edição).

Bep-Kororoti é um herói mítico da tribo dos Kaiapó, que transmitiu muitos conhecimentos aos índios, disciplinando-os, ensinando-os a construir casa, a se organizarem e cultivarem frutas, verduras e legumes. Foi ele quem organizou as famílias, ensinando-as a se identificarem através da pintura corporal; ensinou e melhorou as técnicas de plantio, da caça e da pesca; ensinou-os a obter o fogo e instituiu medidas profiláticas como a proibição do incesto. Bep-Kororoti também pretendeu instituir um sistema educacional.

É digno de nota o fato de que esse deus-herói, quando apareceu na aldeia, usava uma roupa semelhante a um escafandro e uma "borduna trovejante".²⁵

Percebe-se claramente o que há de comum entre essa personagem e as precedentes. Um trabalho de pesquisa mais aprofundada nessas similitudes poderia nos revelar coisas interessantes, como por exemplo, a possibilidade, implícita nos contos, de que nossos nativos tivessem contato com indivíduos de uma cultura mais avançada e desenvolvida; mesmo alienígena. Um trabalho de fôlego, nesse particular, foi realizado pelo professor Jacques de Mahieu, em seu *Os Vikings no Brasil*, onde demonstra, baseado em diversos vestígios, que os guerreiros nórdicos realmente transitaram pelo Brasil, vindos do México, passando pela Venezuela e se instalando "às margens do lago Titicaca". Naquele local, em virtude das características climáticas semelhantes as de sua terra natal, os Vikings construíram sua capital, Tiahuanaco, donde partiram em diversas incursões pelo Amazonas e até Valparaíso, no Pacífico. Vale também citar o interessante trabalho de Antônio J. Thor e Ararê M. Bezerra²⁶, onde os autores fazem curiosas abordagens ufológicas, um tanto confusas, porém.

²⁵ PERET, José Américo. *O índio que veio do espaço*. s.l.: Editora Três, 1985 (Edições Planeta, 4).

²⁶ Cf.Op. cit. 1977.

ANHANGÁ

Anhá-Angá* pode ser traduzido por alma errante dos mortos, sombra, espírito ou, como fala o caboclo, visagem, que é o mesmo que fantasma e assombração. Anhangá é um espírito que vive nas matas, podendo assumir diversas formas quando visível: macaco, morcego, rato, pássaro, etc. Barbosa Rodrigues atribui a esse demônio poderes análogos aos do Jurupari; e no *Dicionário de Satamismo*²⁷ ele aparece como uma das almas protetoras da caça, mas os "padres distorceram sua figura, atribuindo-lhe a natureza do diabo. Na mesma obra o Caapora é apresentado como "um dos nomes de Satã, na língua tupi". Como já vimos, os índios não possuíam a noção, a idéia, de céu, inferno, purgatório, Deus, diabo, etc. E apesar de a maioria ter sido convertida ao cristianismo, ainda são um misto de animista, naturista e idólatras.

O Anhangá assinala sua presença com um assobio e a caça desaparece, o que nos remete à imagem e função de protetor, representado pelo Curupira e outros.

Uma das formas que o Anhangá pode assumir é a de um portentoso gamo ou cervo, de cor avermelhada, chifres cobertos de pêlos, olhos de fogo e uma cruz na testa ou ainda, como um grande veado branco que desvia o caçador de seu objetivo. Os caboclos com quem conversei afirmaram que o veado é um animal de poder; e alguns depoimentos atestam que numa caçada ao veado, acontecem coisas estranhas e cabulosas com o caçador: "O veado é um animal "reinoso"- que faz reinações - me afiançou "seu Bené", caboclo velho, filho de índios. O testemunho do senhor Eufrásio, antigo funcionário do DENER, em Altamira, também corrobora essa assertiva. Disse-me ele que estava acostumado a caçar e levar companheiros para caçada, donde nunca voltavam sem a presa, mas jamais em sua vida passara por algo parecido e tão assombroso.

Ele e uns amigos foram para uma caçada de "espera", que é aquela em que o caçador posta-se sobre a trilha do animal ou próximo de onde supõe que o animal deve aparecer. Nesse caso, a espera foi feita numa rede armada sobre o caminho por onde o animal, o veado, deveria passar. Depois de acomodar e orientar os amigos, veterano que era nesse metier, Eufrásio foi alojar-se em sua rede, armada a uns "cinco metros do chão". "De repente - conta ele - uma forte luminosidade rompeu a escuridão reinante e eu, que estava de olhos fechados, percebi o estranho fenômeno e tive a impressão que estava sendo observado. Quando abri os olhos, uma criatura pavorosa me espiava próxima à rede. Ai, apareceu, envolvida pela luz, uma criança de uns dez anos, aproximadamente." Interrompi diversas vezes a narrativa, enquanto anotava, e uma delas foi sobre essa criatura, mas como isso é apenas um resumo, continuemos: "Não parecia uma índia - respondeu-me - pois, sua pele era mais para o rosado. Parecia uma criança muito saudável. A luz parecia que saía dela e clareava tudo ao redor como se fosse dia."

Indagado pela aparição sobre o que estava fazendo naquele lugar, Eufrásio respondeu que estava ali para matar um veado. Parece que a resposta a satisfez, pois ela sem dizer mais nada, afastou-se "caminhando no ar como se estivesse andando no chão". E tudo voltou ao normal.

27 DR. ZOROASTRO. *Dicionário de Satanismo* –Deidades afro-brasileiras-Demonologia. S.P: Tecnop, 1983.

* Os jesuitas traduziram Añan ou Anhan (angüe, ang, ãng), por diabo e anhangá, fantasma de gente ou bicho.

O final da história coincide com o de muitas outras que falam de contato com as criaturas que povoam o *invisível*, ou seja, mal estar acompanhado de febre alta, que surge de maneira estranhamente inesperada, fica por algum tempo, debalde todas as tentativas para saná-la e, da mesma forma que veio, desaparece, assim, de repente. Meu amigo ficou dois dias acometido de uma febre estranha, sem causa aparente.

Esse caso possui elementos que abordaremos mais adiante, na Parte III deste volume. No momento voltemos ao Anhangá.

Pode-se compactuar com o Anhangá, prometendo tabaco em troca da embiara pretendida. Mais uma vez o fumo assume um relevante papel no cotidiano das gentes do mato. O tabaco é utilizado também como ofertório para aplacar a ira, a cólera, dos seres punitivos e vingativos, ou agradar os benfeitores; para afastar as influências maléficas e atrair a proteção das deidades do mato - ver Caapora e Saci -. A importância que se dava ao tabaco - *petum*, que originou pito - era tamanha que o pesquisador português Fernão Cardim²⁸ escreveu o seguinte:

"Esta erva-santa serve muito para várias enfermidades, como feridas, catarros e, principalmente, serve para doentes da cabeça, estomago e asmáticos. Nesta terra se fazem umas cangueras de folhas de palma cheia desta erva seca, e pondo-lhe o fogo por huma parte, põem a outra na boca he bebem o fumo; he huma das delicias e mimos desta terra, e são todos os naturaes, e ainda os portugueses perdidos por ela, e têm por grande vicio estar todo dia e noite deitados nas redes e beber fumo e assim se embebedão dele, como se fora vinho."

É voz corrente pelos interiores da Amazônia, e crença inamovível, que o tabaco tem forte poder sobre os seres fabulosos da mata e sobre alguns encantados; mas também, segundo alguns pescadores que entrevistei, o tabaco pode ser utilizado nas pescarias: quando o peixe fisgado está difícil de ser trazido á tona; de ser arrastado; passa-se o fumo na linha e "ele vem mansinho, por maior que seja o bicho". Uma outra utilidade é para descobrir quem é MATINTAPEREIRA.

28 CARDIM, Fernão. Tratados de Terra e Gente do Brasil. São Paulo: Nacional, 1939. In: RIBEIRO, Maria de Lourdes B. *O folclore*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME/BLOCH, 1980.

MATIN OU SACI

Maty-Taperê, Matinta Pereira, Maty, Çaci, Saci, Pererê, Saci Pererê, Cererê.

As informações são, também nesse mito, muito controversas. Numa, surge como "assombração" ou "visagem" que assusta as pessoas e pode até provocar-lhes a morte; noutras é uma mulher que vira passarinho assobiador; ou ainda, um duende unípede.

Segundo o sobejamente citado Câmara Cascudo, Saci (h-ã-ci) significa “o que é mãe das almas”, porém. Teodoro Sampaio²⁹ diz que Saci (ça-ci) pode ser traduzido por "o olho doente", talvez queira dizer mau-olhado; olho gordo; olho de seca-pimenteira. etc. Em sua Geografia dos Mitos Brasileiros, Cascudo informa-nos que foi em fins do século XVIII que se deu a aparição do Saci, "vindo do Sul, pelo Paraguai-Paraná, justamente a zona indicada como tendo sido o centro da dispersão dos Tupi-Guaranis"³⁰, contudo há referências a entes semelhantes nas mais diversas regiões do planeta, provavelmente porque, como bem o percebeu o mestre potiguar, esse nosso demônio nativo corresponde ao Gremlin da América do Norte e seus similares noutros países.

O mito do "Çaci" assume diversas denominações. podendo ser SACI PERERÊ no Sul do país, KAIPORA no Centro e MATINTAPEREIRA ou MATY-TAPERÉ ao Norte. No Pará e Amazonas sua imagem é a de um curumi que anda numa única perna e tem os cabelos cor de fogo. Parece que através do sincretismo luso-africano, ele ganhou o barrete vermelho - comum em Portugal - e os traços negróides, mais o cachimbo.

Dizem que o Saci tem por companheira uma velha índia - ou uma preta velha, maltrapilha, cujo assobio arremeda seu nome: Mati-Taperê. Crêem alguns que ele é filho do Curupira; outros identificam-no como um pequeno pássaro que pula numa perna só; há também aqueles que dizem ser as mãos dele furadas no centro.

Existem os que estudam para "virar Matinta", segundo uns; já outros afirmam que Matin(ta) é uma maldição que a pessoa carrega por toda vida, como a licantropia*.

Nos interiores paraenses muito se crê nessa versão. Em muitos lugarejos a existência dessa bruxa cabocla que se transforma em gato, cachorro, bota, morcego, porca, pássaro, é tida como inconteste e até encarada com normalidade; falam dela com a naturalidade do caboclo: "... é Matinta, sim senhor! ..." Dona Luísa, Dona Lia e outras pessoas da localidade de Getúlio Vargas, distrito de Curuçá, contaram-me histórias interessantes sobre vizinhas e conhecidas que viraram Matinta; Dona Luisa, inclusive, teve oportunidade de presenciar, quando pequena, a transformação de... em Matinta. Noutro relato, recolhido em Ponta de Ramos, pequena povoação pesqueira às margens do rio Curuçá, no distrito do mesmo nome, garantiram-me que um certo senhor vira (va) lobisomem e é portador de estranhos poderes, os quais são devidos ao fato dele possuir a Oração da “*Cabra Preta*” (sic) e o Livro de São Cipriano.

²⁹ Apud CASCUDO. Câmara. Op. cit. p. 151.

³⁰ CASCUDO, Câmara. Op. cit. p. 151.

* Reza uma lenda que o sétimo filho ou filha de um casal que tiver sete descendentes do mesmo sexo, o sétimo será lobisomem ou bruxa.

Uma história análoga me relataram em Igarapé Miri, onde o acusado de ser lobisomem tinha também o condão de tornar-se *invisível* encostando-se em um simples "pé-de-pau", agachando-se ao lado de uma touceira ou mesmo por detrás de uma única estaca de cerca. Este, também, possuía a oração e o grimório de São Cipriano.

Por todos os lugares por onde se passa nesses interiores, ouve-se casos a respeito de Matinta ou Lobisomem. O de Ponta de Ramos eu conheci e até fui apresentado - infelizmente não me foi permitido, pela pessoa que nos apresentou, interrogá-lo sobre sua estranha fama e sequer dar a entender que a conhecia-, nos outros casos citados e não citados, seus narradores temem revelar os nomes, e os que eu omito aqui é por uma razão óbvia: São pessoas ainda vivas.

A pesquisadora e antropóloga do Museu Emílio Goeldi, Adélia Engrácia de Oliveira registra que uma pessoa é Mati quando "possui diversos calombos no pescoço, como um colar", uma espécie de caroço que cresce na costa da pessoa que está para transformar-se em Matinta. Esse caroço não é percebido por ninguém, mas a pessoa "sente", e quando ele "amadurece", abre-se e dele sai asas e a pessoa pode voar.

O assobio da Matinta, atestam todos que já o ouviram, "é coisa de outro mundo"; "arrepia até a alma"; "a gente sente como se estivesse levantando do chão", etc. Dizem ainda que ao ouvir o assobio a pessoa disser: - "Vem buscar tabaco amanhã ", pode contar como certo que na manhã seguinte encontrará, à porta de sua casa, uma velha ou uma pedinte, em busca do que lhe foi prometido. Também, pode ser a primeira pessoa que aparecer na casa pedindo um inocente cigarro...

Matintapereira é um dos mitos mais interessantes e menos estudados, até porque as pessoas sentem verdadeiro temor ante a possibilidade da checagem das informações: o pesquisador não pode simplesmente confirmar, colher o depoimento direto, sequer sondar o indivíduo supostamente tido como Lobisomem ou Matinta, sob o risco de revelar seus informantes ou que sabe da fama que corre entre os vizinhos e conhecidos.

TINCUÃ, URUTAU E CANCÃO

Tinkuan Tincuã, Xincuã

É um pássaro encantado cujo canto prenuncia a morte. É aparentado com os cucos; seu canto original é "tê-tê-tê", mas quando alguém adoece ele só canta "xincuã, xincuã".

O mesmo caráter agourento é atribuído a duas espécies de coruja, o URUTAU e a "Rasga-Mortalha", esta última - esclarece Câmara Cascudo - tem esse nome em virtude do som que produz o atrito de suas asas, que faz lembrar um pano sendo rasgado.

Porém, no reino das aves mágicas, ou como crêem alguns, das almas penadas, também temos aqueles que protegem e ajudam ao homem, como é o caso do CANCÃO, que pode assumir a forma humana para melhor desempenhar suas tarefas. Outras aves funcionam como brejeira contra os azares e a má-sorte; contra o desamor e contra o insucesso, seja sentimental, comercial ou financeiro. São elas o CAURÉ e o UIRAPURU.

CAURÉ

O Cauré não passa de um pequeno pássaro da família dos falconídeos, tido pelos caboclos como símbolo de fortuna e felicidade. Seus ninhos, afirma Coutinho, "não ultrapassam cinquenta centímetros", já Osvaldo Orico³¹ informa que "esse ninho é uma bolsa cilíndrica de quase um metro de comprimento". Há quem use pedaços desses ninhos ou mesmo penas da ave, como amuletos.

A lenda diz que, quando se avista um grupo de aves sobrevoando uma árvore, é porque o Cauré as hipnotizou com seus gritos e se prepara para escolher dentre elas a sua vítima, da qual come somente a cabeça e o coração.

De todos os seres da fauna mítica, o mais poderoso, ou na opinião de Barbosa Rodrigues, o UIRA-PAYÉ - pássaro feiticeiro – é uma avezinha sem muita beleza, mas cujo canto não tem similar. É o UIRAPURU.

31 ORICO, Osvaldo. Mitos ameríndios e credences amazônicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p.50

UIRAPURU

Oirapuru, Gaurapuru, Irapuru

É um deus que se transforma em pássaro e anda rodeado de outros pássaros, à guisa da corte. Quando canta, todos os outros pássaros da mata ao redor silenciam, ou querendo aprender seu canto ou em respeitosa reverência. Como diz a letra de uma velha canção*: "A mata inteira fica muda ao seu cantar, tudo se cala para ouvir sua canção". O canto do Uirapuru é a própria Rapsódia Amazônica.

Os sons melódicos produzidos por essa ave são dotados de poder hipnótico, como o canto da Iara e do Cauré. Acreditam os caboclos que se o canto do Uirapuru tem o poder de atrair todos os pássaros,

pode, por conseguinte, atrair também a sorte nos negócios e no amor, daí a crença nos seus poderes e propriedades talismânicas.

"O Uirapuru - escreve Machado Coelho³² - talvez por delegação de Mercúrio e Rudá** é um grande protetor do comércio, de todo gênero de comércio, comércio de amor e comércio de secos e molhados".

Tidos como amuletos naturais são vendidos empalhados, transformados em cinzas ou simplesmente vendem-se as penas e a pele seca. Dizem os entendidos que a pele depois de "temperada", isto é, devidamente preparada nas artes da pajelança, é considerada um forte e poderoso amuleto. Uma vendedora desses tipos de objetos e produtos da medicina folk, na feira do Ver-o-Peso, afiançou-me que os melhores são os roubados, mas não soube me explicar as razões. Porém, Osvaldo Orico³³ justifica o roubo "pela garantia em que fica o possuidor de investir-se no gozo de todos os benefícios da coisa possuída".

31 ORICO, Osvaldo, *Mitos ameríndios e credences amazônicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 50.

32 MACHADO COELHO. *O feitiço, na literatura, na arte, na vida*. Belém: Imprensa Universitária/UFPA, 1936, p. 87

* O Uirapuru, (sucesso cantado pelo grupo **Os Cantores de Ébano**, no final de 1950)

** Rudá ou Perudá é o deus Tupi do amor, como Eros ou Cupido.

CÃOERA

Caoéra, Canguerá, Kaagere, Kângere

O Cãoera é uma espécie de "morcegão", um morcego muito grande do porte de um urubu, que pode sugar todo o sangue de uma pessoa adormecida sem que ela desperte e, em seguida, devorá-la.

Adélia Engrácia³⁴ dá-nos três versões desse mito, recolhidas junto aos índios Mura. Nela encontramos a informação que o Cãoera habita os buracos na terra e surge quando se faz "misturado de jabuti e outras carnes, no mato" ou "quando se queima pêlos ou penas de animais". Também, pode surgir - adverte Adélia - quando "se joga espinha de peixe n'água" ou até quando "se grita na mata".

Aparentemente a área de abrangência do mito é a região fronteira às Guianas, território das famílias Aruak, Karib e também Tupi, porém a estudiosa dos Mura ressalta que, em suas viagens pelos rios Negro e Xingu, jamais ouviu referências a esse sobrenatural.

O Cãoera é descrito por Hurley³⁵ como capaz de suspender "sem grandes esforços, um boi nas garras e o vae devorar nas alteirosas itacangas* dos contrafortes de Tumúquehumáque", o que nos faz lembrar do mitológico pássaro Roca, das "Mil e Uma Noites". Parece-nos claro que este mito recebeu influência dos povos andinos, incorporando elementos que o associam ao Condor.

33 ORICO, Osvaldo. Op. cit. p. 53.

34 OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Op. cit, p. 17.

35 Apud OLIVEIRA, Engrácia de. Op. cit.

* Cabeça de pedra.

MUIRAQUITÃ

Muiraquitã, Murakitã, Tuxáua-ita (Tupi), Ninací (Tucanos)

De todos os amuletos indígenas, esse parece ser um dos mais conceituados e investido de enorme poder. Pensava-se antigamente que os delicados pingentes fossem jóias orientais - provavelmente chineses -, pois eram desconhecidas na região, jazidas de Jadeíta*, material onde se esculpam os pequenos e preciosos ídolos zoomorfos.

A forma mais conhecida desses amuletos líticos é a de uma pequena rã, mas também pode ser encontrado sob a aparência de uma tartaruga ou outro bicho. Entretanto é interessante observar que o Muiraquitã está sempre zoomorficamente relacionado com a água, sendo que a rãzinha ou perereca, na crença indígena, é a causadora das chuvas; guardiã das águas pluviais. O Conde Stradelli diz que "os indígenas do Amazonas a chamam de mãe-da-chuva".

Os índios Maia tinham entre seus amuletos, um que apresentava a forma de uma rã, esculpido em esmeralda ou jade, e representava a deusa das águas. Já entre os egípcios a rã era um animal associado a deusa Herit, divindade que presidia a concepção e o nascimento, por conseguinte também correlacionava-se com as águas. Considerando que o Muiraquitã era dado pela Amazonas ao indivíduo de quem pretendia engravidar, temos uma instigante alusão à cultura egípcia, e por desdobramento surgem uma série de indagações que nos levam às teorias que falam da Atlântida e seus sobreviventes, que foram, uns para o Egito e outros para os Andes**.

Os fatos estão aí, cabe-nos interpretá-los e buscar a verdade que eles ocultam, mas isso foge ao propósito desse trabalho, porém, fica o registro para ulteriores pesquisas. Sendo o uso de esculturas em jade mais comum entre os Olmecas, é provável que eles tenham entrado em contato com os brasilíndios, e antes deles, com os egípcios

Apesar de batraquiiformes, esses amuletos se assemelham bastante com a genitália masculina, remetendo-nos novamente as propriedades fertilizantes e fecundantes das águas, e traçando um paralelo entre elas e o falo ereto.

Tais jóias funcionavam como um salvo-conduto para que os guerreiros que mantinham relações sexuais com as Amazonas, pudessem entrar e sair da aldeia delas sem serem molestados. Segundo a lenda, as famosas mulheres guerreiras mergulhavam no lago Jamundá - espelho da Lua - para apanharem as pedras verdes, que já vinham na forma do animal, mas

* Na verdade os jades chineses são nefritos, um silicato de cálcio e magnésio, enquanto as jadeíta são silicatos de sódio e alumínio. Possuem uma dureza de 8,0 o que é considerável visto que o diamante tem dureza 10,0. O pesquisador Ararê M. Bezerra é o único que eu conheço que anda com um belo Muiraquitã ao pescoço.

** E a esse respeito, a revista *Geographical Magazine*, em fevereiro de 1997, publicou um trabalho de pesquisa do arqueólogo amador e cartógrafo Jim Allen, que afirma ter localizado o continente perdido da Atlântida. Diz ele que o lago Popou, nos Andes bolivianos, corresponde perfeitamente às descrições de Platão. Quanto a como os egípcios souberam da existência de uma cidade andina, Jim Allen frisa "que está devidamente estabelecido que o processo de mumificação dos mortos exigia tabaco e cocaína." (Nota desta edição)

ainda moles. Ao contato com o ar as peças se solidificavam. O Muiraquitã também dá ao seu possuidor riquezas, saúde, sucesso no amor e negócios.

O próprio significado de Muiraquitã (Muirá-Kitá = nó de pau) não foi satisfatoriamente definido, exceto que entende-se por "nó de pau" algo muito duro, como de fato são as pedrinhas em que se esculpam os primorosos objetos. Ignácio de Moura e Estephano Silva³⁶ chamavam a atenção para o fato de pedras tão duras, na escala entre o topázio e a esmeralda, pudessem ser esculpidas de maneira tão notável, trabalhadas com tal primor. "A impossibilidade - escrevem - histórica de haver instrumentos, naquela época capazes de perfurar pedras tão duras, leva-nos a outra hipótese mais fortuita e pouco científica de atribuir ao artifício a confecção dessas pedras, processo que até agora, a ciência não conhece. Porém o Padre Bruzzi descreve o processo pelo qual os selvagens conseguiam transpassar as pequenas esculturas, com um furo perfeito de cerca de 2 a 3 milímetros, de lado a lado. O trabalho era demorado e requeria muita paciência. Os orifícios eram produzidos com uma vareta bem firme e na espessura desejada, que eles rolavam entre as palmas da mão, à medida que adicionavam água e areia ao local onde se dava a fricção da vareta com a pedra. Por esse orifício passavam um fio traçado que permitia trazer o amuleto ao pescoço.

Há nos amuletos e talismãs* um caráter dual, um que é o de atrair as bens para o qual foi fabricado, e outro é o de afugentar os demônios, mas ao que sabemos o Muiraquitã não é dotado deste caráter apotrópico ou afugentador do Mal

36 MOURA, Ignácio de & SILVA, Estephano. *Viagens e descobrimento do Brasil e da Amazônia*. Pará, 1900.

* Talesma (ar. talesma), abjeto sagrado.

CUNAUARU

Cunauaru é uma espécie de sapo (aru, em Tupi) que acreditam ser produtor de uma secreção cerosa, a cera de cunauaru, dotada de propriedades medicinais e mágicas. Acredita-se que a resina fabricada pelo sapo seja boa para curar dor de cabeça, e que criá-lo em casa traz felicidade ao lar que o abriga. Por outro lado, Coutinho informa-nos que a cera nada mais é que a resina da árvore onde este batráquio se aloja e faz seu ninho.

Barbosa Rodrigues, em sua *Poranduba Amazonense*, informa que o sapo Cunauaru faz um ninho em forma cilíndrica, como um tubo, com resina de breu branco, onde depõe os ovos; já Machado Coelho³⁷, escreve que "nas defumações, nas fumigações, em que entram a alfazema, o alecrim, o breu, a *resina cunarú-icica**, que é a baba do sapo *coagulada* (grifo nosso) no coaxar da noite e do lago, o segredo é não abrir portas e janelas da casa, mas deixar a fumaça evolvar-se, infiltrar-se devagarinho pelas gretas e interstícios, desanuviando, purificando o ambiente até então carregado".

37 Machado COELHO. Op. cit. p. 91

* Cunauaru-icica parece ser a corruptela de *kundá*, enrolada, enroscada, *u karô*, ele guarda, resina.

JAPU OU JAPUAÇU

Este é um curioso mito amazônico que se apresenta similar mito do herói Prometeu. Prometeu, aquele que trouxe o fogo do Olimpo para os homens, foi condenado por Zeus a ser acorrentado a uma rocha e ter o fígado devorado por um abutre, sendo que o fígado arrancado num dia ressurgia no seguinte, perpetuando assim o tormento do prisioneiro e a missão do abutre. Esta semelhança levou Osvaldo Orico a afirmar que o Japu é "o Prometeu indígena".

A lenda tapuia diz que no princípio os índios sofriam de muito frio e desconheciam o fogo; o pajé da tribo escolheu um guerreiro valente para ir ao céu em busca do precioso elemento, que era guardado pelo raio, de quem o bravo deveria roubá-lo*. Para tanto, o pajé transformou o guerreiro num belo pássaro, que voou ao alto e depois de uma dura luta com o raio, conseguiu apossar-se de um pedaço de fogo, que trouxe para a terra preso ao bico. Ao voltar a forma humana, o valente índio percebeu que estava com o rosto deformado pelo fogo celeste. Não aceitando viver estigmatizado, implorou ao pajé que o transformasse novamente em pássaro, contudo o bico ficou-lhe marcado de vermelho, cor de fogo, como uma recordação da aventura. Orico tem ou não razão?

Outras aves que, segundo a credence cabocla e brasilíndia, possuem poderes mágicos são o Japiim, o Jurutaí, o Anu-Coroca, o Ua-cauã e a Juruti-Pequena. Vamos vê-los nessa ordem, resumidamente.

* Cascudo, no verbete *Japuaçu* (in Dic. do Folc. Bras.), afirma que o fogo foi roubado ao Sol.

JAPIIM

O Japiim, conforme registra a lenda, arremedava o canto dos outros pássaros, e tanto fez, que as outras aves, cansadas do seu macaquear, rogaram aos deuses que o castigasse, por isso ele foi punido com o esquecimento de seu próprio cantar. O único pássaro que o Japiim não imita é o Tamuru-Pará, segundo grafa Orico**, ou Tanguru-Pará, como é mais conhecido.

As versões dão conta que o Tanguru-Pará matou o avô dos Japiins com uma bicada certa no coração, e por isso tem o bico vermelho, manchado do sangue do irreverente imitador. E por medo que o mesmo lhe aconteça é que o Japiim evita o deboche. Osvaldo Orico afirma o seguinte:

"Como quer que seja a verdade é que, além de o pouparem, os japués ainda se calam diante de sua presença e procuram evitá-lo, escondendo-se na mata." ³⁸

Por seu turno, José Carvalho³⁹ atesta que o "facto é rigorosamente autentico", mas acrescenta que o Tanguru-Pará funciona como o vigia da mata, e quando pressente um perigo ou inimigo qualquer, seja gente ou animal, "solta o seu assovio fino, agudo, vibrante, e todos os animaes, não só aves, como quadrúpedes se previnem e se acautelam". Essa é a razão pela qual o pio do Tanguru-Pará não pode ser imitado, mas a imaginação fabulosa do indígena, atestando sua aguda observação das coisas da natureza, dá-nos essa beleza de história.

Japiim também é o nome de um grupo de folguedos folclóricos batizados de "Pássaros", que apresentam um drama burlesco durante a época dos festejos juninos. Nos "Pássaros" ou "Cordão de Bichos" desfilam diversos personagens, além daquele que é o principal e que batiza o grupo, como por exemplo: Pássaro Papagaio; Pássaro Tem-Tem; Pássaro Rouxinol; Pássaro Japiim; etc. Alguns personagens evidenciam a influência européia, outros são autenticamente regionais. No caso do Pássaro Japiim temos reis, príncipes e princesas, camponeses, caçador, fada e pajé.

³⁸ ORICO, Osvaldo. Op. cit. p. 201. 44.

³⁹ CARVALHO, José. Op. cit. p. 43

** Orico também escreve Tangurapará e informa que o Japiim é uma "casta de Japu"; registra ainda que Japu é uma pequena ave que também imita as outras, menos o "tamuru-pará."

JURUTAI

Jurutai, Urutau, Mãe da Lua

Em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo testemunha que essa ave noturna, de canto agourento, "melancólico e estranho, lembrando uma gargalhada de dor", cercou-se de "misterioso prestígio assombrador".

Coutinho escreve que as penas dessa sinistra ave são um poderoso "amuleto de preservação da castidade feminina". A mesma informação é dada por Câmara Cascudo e Orico, que evocam o testemunho de José Veríssimo⁴⁰, que afirma ser a pele da ave, seca ao sol, que serve de brejeiro contra a luxúria, "curando" as donzelas das tentações do sexo. Bastava que se varresse o chão, a rede ou cama onde a jovem deitasse, para que fosse afastado dali o que pudesse despertar desejos carnavais.

⁴⁰ VERÍSSIMO, José. Tradições, crenças e superstições amazônicas. *Revista Amazônica*, v.I.

ANU-COROCA E UACAUÃ

O Anu é um pássaro preto bastante comum em todo o território nacional. Dizem que se alguém abater um Anu-Coroca, a arma ficará imprestável para atingir outros alvos, pois de tal forma fica azarada, que a mira jamais estará correta, por melhor que seja o atirador. O mesmo fado, informa-nos Orico, se abate sobre aquele que atirar num Japiim.

Crê-se que o Uacauã tenha poderes para enfeitiçar as pessoas. Coutinho relata que uma jovem foi enfeitiçada por esse pássaro, repetindo-lhe o canto.

JURUTI-PEPENA

Juruti é uma espécie de pomba e o mito é originariamente paraense, descrito por José Veríssimo. Veríssimo explica que "pepena significa, em Tupi-guarani aquele, o, (pé) que quebra (pen),..., que torna parálítico"⁴¹. A juruti-pepena é uma ave mítica e mística, que habita o interior do tajá, e por artes da magia, pode ser transformada em amuleto, a exemplo do que acontece também com o próprio tajá, como veremos adiante.

As informações são de que a Juruti-pepena pode provocar a paralisia nos desafetos de seu possuidor. Essa crença tem origem numa lenda índia - como aliás acontece com a maioria do nosso fabulário - na qual a filha de um pajé foi abandonada pelo amante, em troca de outra donzela. Tão grande foi a decepção e de tal forma ficou ferido o coração da jovem desprezada, que esta não resistiu a dor da separação e faleceu. O pajé, pai da infeliz, transformou-a na juruti, e no local onde foi enterrada surgiu uma planta que encerrava alma da desditosa e apaixonada criatura e imitava o pio lamentoso da juruti. Essa planta, empregada em sortilégios de amor, enfeitiça os amantes traidores, que passam a ser perseguidos pelo piar da ave, até que se cumpra a maldição, isto é, até que aquele que trocou de amores fique inválido, parálítico.

Sobre aves e pássaros de mau agouro, Câmara Cascudo fez um belo apanhado no seu "*Coisas que o povo diz*"*; desde as mais comuns em nossos quintais e jardins, como galo, galinha, pombo, bem-te-vi, beija-flor, até as que habitam as densas florestas amazônicas, como o tinguá e o uirapuru.

⁴¹ Id. Ibidem. p. 212.

* Op. Cit. pp, 179-190.

TAJÁS

O tajá é uma planta muito comum nos jardins e pátios paraenses, e também, noutras regiões. É comumente conhecido por tinhorão, no Sul do país. O tajá é usado para a guarda e proteção das residências e comércios, de tal maneira que é colocado sempre à entrada da casa, como um verdadeiro guardião.

Há diversas variedades de tajá, uma para cada gosto ou finalidade, inclusive servindo também como alimento, como é o caso da taioba. Os outros tipos mais comuns são o tajá-pinima; o tajá-piranga (vermelho); o tajá-puru, o tajá-taiurá; o tajá-onça; o tajá-boiuna (cobra); o tajá-verdinho; o tajá-pena; o tajá-cachorrinho; o tajá-sol ou Coaraci-tajá; o tajá-negro e o tamba-tajá (tambá = concha, vulva).

O tajá "curado", ou seja, trabalhado nos segredos e mistérios da bruxaria nativa constitui-se num inestimável auxiliar e protetor do seu possuidor, podendo ser usado para atrair a felicidade, o amor, a sorte na caça e pesca; e prender o ente amado através dos laços do amor e do sexo. Nunes Pereira⁴² escreve:

"As virtudes dos tajás dos macuxis são incontáveis como os seus tipos. Há tajás para defender casa e roça do indígena; tajá para fazê-lo bom caçador e bom pescador; tajá para torná-lo invisível aos inimigos e mesmo aos olhos astutos do cruel Kemé, tajá contra as fadigas; tajá que o fazem vencer todas as provas; tajá que o faz querido das mulheres."

Em *Mitos Ameríndios e Crendices Amazônicas*, Osvaldo Orico empresta-lhe um colorido poético que nos faz desejar, cada um, ter o seu em casa. Confira no trecho das páginas 259 e 260:

"A mais bela versão é, entretanto, emprestada ao tajá-sol. Possui este, no centro da folha, uma grande mancha vermelha com o formato de um coração, cercado pela moldura verde. Quando os índios estavam longe de sua amada e sentiam a necessidade de vê-la, recorriam a um processo mais veloz que o avião e menos dispendioso que a televisão. Gritam o nome da pessoa desejada, no centro do tajá de sol. E logo a imagem do ente querido aparecia na parte rubra da folha, como num espelho incendiado pelo poder da ausência."

Alfredo Ladislau⁴³ remete-nos à história da Juruti-pepena quando afirma que "ao começo da noite, essas plantas piam repetidas vezes, como se ocultassem um pintainho medroso sob a carregada palheta de suas folhas". Acreditam que quando o tajá está assim gemendo, piando, é que o feitiço endereçado a alguém da casa, ficou nele aprisionado e só o trabalho de um pajé ou feiticheiro poderá curar a planta e limpar o ambiente.

⁴² Apud CASCUDO, Câmara. Op. cit. p. 830.

⁴³ LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura*, Belém: J. B. dos Santos e Cia., 1923, p. 203.

Algumas plantas, dentre elas, o tajá, podem armazenar certas energias e até ampliá-las, bem como registrar informações, simpatias e antipatias. A esse respeito recomendo o excelente "A Vida Secreta das Plantas"⁴⁴, um trabalho científico onde ficou provado que as plantas podem "sentir" emoções e serem capazes de interagir com as pessoas e o meio ambiente. Essas pesquisas ainda estão no começo, há muito ainda que descobrir. Mas, à guisa de exemplo, registro um fato em que pude confirmar o poder magnético do tajá.

Eu e um amigo adepto dos cultos afro, estávamos conversando em minha residência. A chuva avançava pela noite amenizando o calor do dia e a ampla porta da sala permitia que o vento trouxesse o cheiro e o frescor do jardim, que hoje não mais existe. Foi quando sentimos um forte cheiro de, tabaco; um penetrante odor de fumo, como se alguém ali perto de nós estivesse pitando. Pitando fumo de rolo!

Por brincadeira, creio, meu convidado disse que era um "caboclo" que estava ali fumando enquanto esperava a chuva passar. Um tanto incrédulo, resolvi localizá-lo com o uso de um pêndulo. Guiado pelo instrumento fui a um grande vaso que estava no pátio, bem em frente à porta. Mostrei ao amigo onde se localizava a energia supostamente do caboclo fumador e foi ele que me chamou a atenção para as plantas que estavam no vaso: um tajá, em consórcio com um pé de vindicá e outra planta conhecida por espada de São Jorge. Curiosamente, pouco depois o cheiro de tabaco desapareceu e o instrumento radiestésico não acusava mais a "presença" antes detectada. Aqueles que conhecem a Radiestesia e as propriedades que o pêndulo apresenta, sabem do que ele é capaz, e podem atestar o que afirmo.

O tajá, para ter força, deve passar por uma preparação que tende a variar um pouco, segundo a finalidade que se almeja, porém, via de regra, usa-se a água na qual foi lavado o sangue das carnes, ou mesmo o próprio sangue, para regar-lhe as folhas e raízes. Ararê Bezerra⁴⁵ informa que deve ser regada "todas as sextas feiras, à lua nova ou cheia".

Algumas pessoas colocam pedaços de carne crua junto com a água de sangue, para que o tajá tenha mais energia e força. Eu tive oportunidade de observar um tajá-negro curado com água de carnes vermelhas. Este exemplar que se encontra no quintal da casa de D. Anizia, em Belém, é uma touceira enorme, de uns dois metros de altura, com folhas tão largas quanto almofadões. O "curador" do soberbo espécime vegetal foi o estudioso de magia e escritor A. J. Thor, já citado aqui.

44 TOMPKINS, Peter & BIRD, Christopher. *A vida secreta das plantas*. Rio de Janeiro: Expansão Editorial, 1978.

45 BEZERRA, Ararê Marrocos. *Amazônia, Lendas e mitos*, Belém: EMBRAPA, 1985.

VITÓRIA-RÉGIA

Iaupé-iaçanã ou Jaçanã

É uma planta aquática que floresce e se desenvolve quando das "águas vivas" e define quando a água é pouca. É comum nas águas pouco profundas (cerca de 1/2 metro). Suas folhas podem atingir mais de três metros quadrados. O longo pecíolo que se eleva no centro da folha é coroado por belíssima flor, de cor carmim e branco e aroma muito suave. Como ninfeácea é parente dos nenúfares. A raiz desta planta é semelhante ao inhame, sendo por isso muito apreciada pelos indígenas.

Esta é uma das lendas inspiradas por Perudá e nasceu do amor entre a índia Moroti e o guerreiro Pitá. A história narra, como toda história de amor que se preze, mais um caso infeliz que termina mal, parecendo que os índios já sabiam que toda novela de um grande amor tem um final infeliz.

Diz a lenda que Pitá afogou-se nas águas caudalosas de um paraná, em busca da pulseira que Moroti havia atirado. Moroti, querendo mostrar para as amigas o quanto era amada pelo guerreiro, jogou a sua pulseira ao rio desejando que, como prova de amor, Pitá a trouxesse de volta. O infeliz apaixonado atira-se ao rio e não retorna. Desesperada e arrependida, Moroti joga-se atrás do amado, tendo igual fim.

No dia seguinte, a tribo presenciou o nascimento de uma grande flor, que ao centro era branca como o nome de Moroti, e as pétalas ao redor eram vermelhas como o nome do bravo Pitá.

A Vitória-Régia, a rainha das flores da Amazônia, só abre suas pétalas à luz do sol, recolhendo-se ao cair da noite, para abrir-se novamente no dia seguinte.

LENDA DO AÇAÍ

O Açaí é o fruto de uma palmeira (Euterpe Oleracea) bastante comum e abundante no Pará, onde seguramente tem o seu indigenato. No vizinho estado do Maranhão seu nome é Juçara; na Venezuela é Manaca, e Quasei, Qapoe no Suriname. Desse fruto se extrai um caldo escuro e cremoso, de cheiro e sabor característico, conhecido como *vinho de açaí* e que tanto pode ser servido puro, com açúcar, com farinha de mandioca, de tapioca, ao natural ou gelado. Do vinho de açaí se obtém diversos manjares da culinária paraense, principalmente sobremesas. É o nosso correspondente a "ambrosia" dos deuses mitológicos do Olimpo.

Da palmeira do açaizeiro também se extrai outro delicioso petisco: o palmito. A derrubada desordenada dessa prodigiosa palmeira está preocupando os ecologistas e os consumidores do licoroso suco. Mas ao tempo da lenda essa preocupação inexistia, até porque ainda não havia surgido tal espécime entre os vegetais.

Segundo a lenda, uma tribo que vivia onde hoje está situada a cidade de Belém, atravessava um período negro de escassez, obrigando o cacique Itaki a decretar a morte de toda criança nascida a partir daquela data, como medida de controle demográfico da tribo. Mas, eis que Iaçá, filha do cacique, dá a luz a uma menina. Apesar de ser neta do cacique a recém-nascida deveria ser submetida à pesada lei, debalde os rogos da infeliz e desventurada mãe.

Cumprida a setença, a pobre Iaçá chora por dias, sempre orando a Tupã para que mostre um jeito de acabar com as mortes dos inocentes. Numa noite ela ouve um choro de criança; tentando localizá-lo, descobre sua filhinha encostada numa esguia palmeira, sorrindo-lhe, mas ao abraçar a filha, esta desaparece e Iaçá vê-se atracada ao tronco da palmeira. No dia seguinte, o cacique encontra o corpo da filha abraçado ao tronco de uma palmeira, que trazia um cacho de frutinhas negras como os olhos de Iaçá. Imediatamente ordenou que esmagasse as frutas num alguidar e ao suco obtido batizou de Açaí, que é o nome da filha ao contrário.

Outras lendas, como a do Guaraná e da Mandioca, possuem urdidura semelhante, parecendo que as fiandeiras foram as mesmas. Há nelas, também, um curumi que morre e renasce transformado numa bênção para o povo.

LENDA DA MANDIOCA

Reza a lenda que a filha de um cacique apareceu grávida, sem que se soubesse como, para a tristeza do pai, que a queria casada com um bravo e ilustre guerreiro. Muito triste e decepcionado com a filha, o cacique vivia infeliz, até o dia que um homem branco lhe apareceu em sonho e lhe disse que sua filha não o havia enganado; ela continuava pura e imaculada. Isso fez voltar a alegria ao coração do índio, que se desculpou com a filha pelos maus tratos que a submetera antes.

Passado alguns meses nasceu uma linda menina, de pele muito branca, que recebeu o nome de MANI, e se tornou querida por todos da tribo, sendo a alegria de sua mãe e do velho cacique, seu avô. Porém a alegria foi de pouca duração: a criança amanheceu morta em sua rede. Em desespero a índia resolve enterrá-la à entrada da maloca, para poder ficar mais perto da filha. E todos os dias ela ia chorar sobre o túmulo da pequenina.

Suas lágrimas fizeram brotar uma planta nova e estranha a todos os índios. A mãe lacrimosa alegrou-se e começou a cuidar da plantinha, vendo ali a presença de sua amada filha, até que algum tempo depois percebeu algo saindo da terra em volta da planta. Pensando tratar-se da filha que retornava à vida, a índia cava a terra com as mãos, porém encontra umas raízes grossas que retira da terra imaginando ser o corpo da pranteada filha.

Todos se aproximaram curiosos, querendo saber que milagre era aquele. Ao retirarem a casca grossa viram que as raízes eram brancas como o corpo de Mani e deram-lhe o nome de *manioca*, a casa ou corpo de Mani. “Acreditando ser um milagre de Tupã, os índios comeram essas raízes e fizeram com as mesmas um vinho delicioso.”⁴⁶

46 SANTOS, Teobaldo Miranda. *Lendas e Mitos do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 8ª edição, 1985.

CHIBUÍ

As referências a esse curioso mito encontrei-as na obra de meu amigo Ararê, "*Amazônia - Lendas e mitos*", que ao que parece, é o único a registrar essa personagem do fabulário caboclo. O Chibuí é mais um habitante do mundo encantado que existe nesse universo que Humboldt denominou Hiléia, e guarda certa similitude com outros mitos como o Boto: também pode se transformar em gente e engravidar as donzelas incautas que se banham nos rios e igarapés. Segundo escreve Ararê, os antigos afirmam que "quando aparece onda em rio calmo, é o Chibuí que invisível vem engravidar uma donzela". O Chibuí costuma velar o sono daquela que carrega no ventre o seu filho, mas desaparece quando a futura mãe acorda.

A origem desse mito perdeu-se ou ficou enterrada com aqueles antigos sabedores das raízes da tradição oral, mas segundo o pesquisador que o resgatou, o Chibuí tem sua origem num pequeno caramujo branco encontrado nas plantações interioranas, chamado piruxitá. Dai que as descrições desse ente puxam pelas características do molusco, tais como as antenas, rastro brilhante deixado pela baba e o sistema de locomoção do pequeno gastrópode.

BOIÚNA

Falar das coisas da Hiléia no sentido superlativo, pode parecer exagero para o estrangeiro ou turista accidental. Contudo, a grandiosidade da Amazônia não se reflete apenas no seu gigantismo territorial, ela está presente também nos elementos da flora e da fauna, na malha hidrográfica, nas riquezas do subsolo, e mais ainda, nos mistérios da natureza, nos segredos ocultados pelos inúmeros igarapés, igapós, lagos, furos, etc. Árvores monumentais, rios cuja margem oposta não se consegue enxergar, e uma considerável gama de fatos estranhos fazem parte do cotidiano do nosso caboclo, mas que deslumbram os visitantes. É nesse palco de punjante beleza e magnificência que o mito da Cobra Grande mescla-se com o réptil, no cadinho das crendices populares.

De fato existem cobras enormes, grossas e compridas como os troncos das árvores, e quase todos que costumam viajar pela complexa teia aquática da região, bem como os ribeirinhos e moradores das matas, conhecem histórias da Cobra Grande ou já viram a "bicha" nalguma de suas aparições. Qualquer um que percorrer esses interiores poderá recolher dezenas de relatos que contam tanto do mito quanto dos ofídios monstruosos. Fiquemos, por enquanto, com o seguinte trecho da obra de Einar da Costa⁴⁷:

"Ao amanhecer de certo dia do mês de julho de 1965, um morador ribeirinho e seringueiro da região, ao notar um silêncio profundo no local onde pastavam diversos carneiros, ficou paralisado ao avistar uma gigantesca sucurijú que lentamente se aproximava da beirada onde os animais pareciam hipnotizados pela presença da gigantesca cobra. Saindo de seu espanto, muito natural, numa situação de ser um dos avistadores da cobra grande, rápido usou o gatilho de sua arma, um rifle 44, atirando e alvejando com muitos tiros na cabeça do grande alvo que mergulhou nas profundas águas do rio... Três dias depois do acontecido, às proximidades da grande ilha do Ayo (...), lá estava boiando morta, um verdadeiro monstro, uma sucurijú que não tinha a fantasia do tamanho de uma caravela, mas tinha exatamente 13 metros de comprimento por 60 cm de diâmetro."

A Boiúna é uma corruptela de Mboi (cobra) e Una (preta), designação aplicada com mais propriedade ao mito; ao réptil é boiaçu ou boiguaçu, a sucuriju, classificada dentre as maiores cobras do mundo, juntamente com a jibóia e a sucuri. No Pantanal matogrossense a boiaçu é batizada de Anaconda.

Lendas que falam de dragões e serpentes de tamanho descomunal pertencem as mais diversas culturas e civilizações, desde tempos remotos, chegando em alguns povos a constituir motivo de adoração e base de seitas de fanáticos.

O mito da cobra grande é um dos mais antigos. Já em 1560 o padre Anchieta registrava em suas cartas* a existência de dois entes da mítica amazônica, o Curupira e a Cobra Grande.

⁴⁷ DANTAS, Einar da Costa. Op. cit. p. 143.

Uma outra lenda que fala de grandes ofídios é a do Boitatá ou Mboi (cobra) Tatá (fogo), provavelmente originária do fenômeno natural do fogo-fátuo. E há ainda a lenda da Cobra Norato sobre a qual trataremos adiante.

O mito da Boiúna fala de uma descomunal serpente que vive no fundo de grandes lagos, rios e igarapés, num lugar chamado de "boia-çuquara" ou "morada da cobra grande". Seu corpo lustroso, refletindo a luz do luar, ou seus olhos que brilham no escuro como archotes iludem os pescadores incautos que, pensando tratar-se de um navio ou um "loydinho", aproximam-se e são devorados.

Quando atinge a velhice, o grandioso ofídio passa a viver em terra, onde é auxiliado pela CENTOPÉIA na obtenção de alimentos, pois sua locomoção em terra é difícil e desajeitada. A Centopéia, ou como falam os caboclos, "Centospés" ou "Tupéia", funciona como uma caçadora de cobra grande. O povo da mata afirma que quando a Centopéia anda pela mata seu caminhar produz um som que lembra o tamborilar da chuva caindo; e dizem ainda que ela mede cinco metros de comprimento. De onde provém essa crença não se sabe, também não conseguimos maiores informações sobre a razão de uma miriápode que na realidade não é maior que um palmo, ter cinco metros, mesmo que medidos com a trena da imaginação e fantasia. Talvez isso se deva a uma simples questão de proporção, já que sendo "xerimbabo" da cobra grande, a centopéia deve de ter também um tamanho descabido. Santa-Anna Nery informa-nos que essa escolopendra é chamada, em tupi-guarani, de "jurupary- kibaba" ou "pente do diabo".

Em Belém é muito conhecida a história de uma cobra grande que vivia às margens do antigo matadouro do Maguari, em Ananindeua. Segundo os relatos, essa cobra gigante se alimentava do sangue e dos restos dos animais abatidos no matadouro e que eram despejados no rio através de uma tubulação especial. Outra história também muito conhecida é a da cobra grande de Cachoeira do Arari, no Marajó. Lá, na Fazenda Arari, existe uma capela com uma imagem em tamanho natural, de Nossa Senhora das Mercês. Segundo me informaram, a cabeça do réptil está localizada alguns metros abaixo dos pés da santa.

Há ainda, a respeito dessa santa um fato curioso, que me foi relatado por uma pessoa da família Feio, tradicional da região. O caso foi que um homem, para roubar um valioso anel que a santa possuía, serrou-lhe o dedo. A imagem, que é tida como sagrada pelos fiéis, castigou o larápio com um apêndice caudal, um indiscreto e incômodo rabo que nasceu no herético gatuno. O caso, garantiram-me ser verdadeiro e pode ser comprovado.

História semelhante existe no município de Breves. Dizem que existe uma enorme cobra embaixo da igreja da padroeira, N. S. de Santa'Anna*, e se tirarem a imagem da santa do centro da igreja, a cidade vai para o fundo do rio. Esta imagem, que tem mais de um metro, afirmaram-me, nunca saiu do seu lugar, e nas romarias e procissões em sua homenagem, a que carregam no andor é outra, menor.

Na Amazônia todos conhecem alguma história que fale de mistérios, de coisas fantásticas e extraordinárias narradas pelos antigos, ou fatos verdadeiros mas assombrosos.

* "É coisa sabida e pela boca de todos corre que ha certos demônios a que os Brasis chamam Curupíra, que acometem aos índios (...) e matam-nos. São testemunhas disso os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. (...) Há também nos rios outros fantasmas, a que chamam Igpupiara, isto é, que mora n'água, que matam do mesmo modo aos índios. (...) Há também outros (...) chamados Baetata que quer dizer coisa de fogo."

Histórias sobre a cobra grande são tão comuns quanto às da Matintapereira. Recolhi relatos em diversos lugares, em Ananindeua, na ilha de Cotijuba, em Ponta de Pedras, etc. Mas, um deles me chamou mais atenção. Este obtive em Belo Monte, às margens do rio Xingu com a Rodovia Transamazônica, se é que se pode chamar aquela estrada esburacada e poeirenta no verão, e lamacenta no inverno, de rodovia.

Belo Monte é um lugarejo paupérrimo a pouco mais de 60 km de Altamira, e dividido pelo rio Xingu. Foi lá, entre um gole e outro de Xinguzinho, o delicioso guaraná de Altamira, que ouvi o Sr. Renato, comerciante local, contar-me este "causo".

Narrou ele que em 1989, voltava de um velório do outro lado do rio juntamente com a mulher e um dos filhos, que pilotava o pequeno barco a motor. Deveria ser por volta de uma hora da madrugada. De repente ele avistou uma enorme sombra, um grande vulto que se ergueu mais ou menos no meio do rio, que naquele lugar mede uns quinhentos metros de margem a margem. "Era como um longo braço para o alto" - informa o Sr. Renato e apontando a cumeeira do seu estabelecimento dá uma idéia da altura, que calculei em uns quatro metros, pelo menos. A escuridão não permitia melhores detalhes mas aumentava os temores, assim mesmo os três tripulantes do barquinho puderam perceber que o vulto deixava cair algo na água para depois abocanhá-lo, enquanto descia a correnteza e eles atingiam o outro lado.

Quem passar por aquela localidade, uma parada no comércio do Sr. Renato é quase obrigatória, e, depois de lavar a garganta da poeira, não esqueça de indagar sobre esse estranho caso; com certeza ele concordará em contá-lo e outros mais, como contou-os a mim.

Carlos Ubiratan, um amigo dono de uma hemeroteca, sabedor de meu interesse, deu-me uma xerox de um recorte do jornal paraense O LIBERAL, publicado em 08 de novembro de 1992, cujo título é "Histórias de terror contadas ao arcebispo", de autoria de Mário Salviano. A reportagem fala das crônicas registradas pelo arcebispo Dom Lustosa nas suas visitas pastorais e quase todas tratam da cobra grande, evidenciando uma tendência ou preferência regional.

Há ainda uma história que fala da criação de uma ilha sobre o dorso da enorme cobra. É a ilha Movediça do Lago Taxipá* cujo registro encontramos em "Mosaicos de Monte Alegre"⁴⁸, do qual extraímos o trecho a seguir:

"Os naturais de Monte Alegre, principalmente os pescadores, afirmam que é sustentada por uma gigantesca cobra grande, uma boiúna talvez sobre cujo dorso se formou. No começo eram folhas secas e raízes de aninga, mureru e camapu, que se elevaram nas escamas do monstruoso réptil."

A Ilha do Marajó, pelas suas condições naturais e únicas, possui um fabulário riquíssimo, onde sobressaem histórias do Ciclo das Águas, como da Cobra Grande, do Boto,

⁴⁸ ALMEIDA, Cícero de. *Mosaico de Monte Alegre*. Belém: Gráfica Santo Antonio, 1979.

⁴⁹ Id. Ibid. p.28.

* Taxipá: pá= caminho; taxi, espécie de formiga.

de “gente-do-fundo”, etc. Porém, ultimamente, a crescente atividade pastoril tem feito surgir uma nova categoria de histórias. Histórias de vaqueiros, como o Cavaleiro Branco, o vaqueiro “Quem Dera”, a Vaca Russa, etc, que deixaremos para outro volume.

COBRA NORATO

Outra cobra famosa das lendas hileanas é Cobra Norato, um jovem encantado que durante a noite se desencanta e vira gente, tal como acontece com o Boto. Assumindo sua condição humana, NORATO frequenta as festas, dança muito, namora as ribeirinhas e desaparece antes do amanhecer.

Este é um mito genuinamente paraense, se bem que jovens belos e formosos transformados em bichos lembram as histórias de príncipes encantados em sapos; de donzelas enfeitiçadas e princesas prisioneiras, dos contos europeus.

Nossa lenda diz que uma cabocla de nome Zelina deu à luz a um casal de gêmeos: Honorato e Maria Caninana, duas cobras. Jogou-as no rio onde se criaram, mas Maria Caninana vivia fazendo malvadezas até que foi morta pelo irmão, que tinha bom coração. Sempre que assumia sua forma humana ia ele visitar sua mãe, a quem implorava que o fosse desencantar. Para que o encanto fosse quebrado, deveria chegar onde estava o corpo adormecido da serpente, por um pouco de leite na sua boca e ferir-lhe a cabeça, de forma que sangrasse. A mulher por medo nunca chegou perto do réptil, até que um soldado da guarnição da ilha de Cametá livrou o jovem da maldição. O caso, conta José de Carvalho⁵⁰, é tido e havido como verdadeiro e acrescenta:

"Encontrei um caboclo que me afirmou convencidamente que Honorato... até tinha assentado praça no corpo policial do Pará. Talvez por amizade e gratidão ao soldado de Cametá."

Uma outra versão é apresentada por Hygama⁵¹, onde "um moço de nome Honorato, que ficou encantado nas águas" só poderia ter o encanto desfeito se uma menina formosa de 18 anos incompletos o fosse despertar quando estivesse adormecido sob a forma da cobra grande, mas era necessário que não demonstrasse medo nem susto, caso contrário o encanto dobraria. O detalhe curioso da idade determinada e da condição virginal, aliada a necessária formosura, para que o encanto seja quebrado, deixa-nos entrever uma sexualidade reprimida.

Noutra versão, apresentada por Zeneida Lima⁵², esse encantado aparece como um "chamado Norato Antonio, que vivia nas águas. do lago Guajará".

Uma história semelhante a de Cobra Norato diz respeito à filha do Rei Sebastião ou Rei Sabá, uma princesa que, por artes de encantaria, habita a ilha de Maiandeua, no município de São João de Pirabas, região dos Salgados, interior do Pará. A história dessa princesa eu apresento aqui, dentro de outra história, que é a do Rei Sabá.

50 CARVALHO, João. *O matuto cearense e caboclo do Pará*. Belém: Oficinas Gráficas do Jornal de Belém, 1930, p. 21.

51 HYGAMA. *Contos e lendas paraenses*. Belém: J. B. dos Santos. 1900, p. 53-54.

52 LIMA, Zeneida. *O mundo místico dos Caruanas e a revolta de sua ave*. Belém: CEJUP, 1992, p. 47.

A PEDRA DO REI SABÁ

A pedra do Rei Sabá é uma pedra fetiche, como são as pedras de altar e as pedras de santo do candomblé, por exemplo. O culto às pedras é milenar e espalhado por todo o mundo, e alguns povos chegaram a considerar certas pedras como deuses, venerando-as e prestando-lhes culto, sacrifícios e adoração.

No Brasil a litolatria foi introduzida pelos africanos, e são os praticantes dos cultos afro-umbandistas que consideram sagradas algumas pedras as quais prestam homenagem e utilizam em seus rituais e práticas. Essas "pedras de força" representam entidades espirituais a que o adepto deve respeito e a quem faz oferendas de diversas naturezas.⁵³

"O rei Sebastião - diz Heraldo Maués⁵⁴ - é uma entidade comum à umbanda e à pajelança cabocla, numa extensa área que vai, pelo menos, de Belém a São Luís, ao longo do litoral."

A famosa pedra do Rei Sabá é uma curiosa formação rochosa que observada à distância e sob certo ângulo se assemelha a um homem sentado em posição meditativa. Provavelmente pela sua curiosa posição antropomórfica e por se destacar num pequeno platô rochoso, a pedra do Rei Sabá tenha atraído a atenção das pessoas, em sua maioria pescadores, que acabaram por transformá-la em objeto de culto e local de obrigação dos umbandistas.⁵⁵

É comum ao homem buscar no sobrenatural explicações plausíveis para o que se lhe apresenta impossível, incompreensível ou inexplicável. "E o medo em relação a alguma coisa desconhecida, misteriosa e possivelmente imaginária, é a base para superstição. A superstição sempre foi definida como qualquer crendice por alguém que não foi capaz de encaixá-la numa visão coerente do mundo."⁵⁶ E o homem é uma criatura muito mais sujeita à sugestão que a razão; ele aceita com facilidade o que lhe sugere uma explicação plausível de um fenômeno ou acontecimento, daí é fácil transformar um acidente natural em local ou coisa sagrada. Porém, há o fato da existência dos seres incorpóreos, invisíveis, astrais, que contribuem em muito para a magia de um lugar. Em relação a isso o "cético" faria como Cervantes: "No creyo em brujas, pero que las ay las ay!" O fato é que naquele sítio a beleza da natureza encanta o visitante de alma poética e convida a imaginação a fazer o resto...

Sabá parece ser a corruptela de Sebastião, donde deduzimos que a famosa pedra do Rei Sabá pode ter relação com o Sebastianismo, seita ou culto dos colonizadores portugueses que, no século passado chegou a ter um "arraial de adeptos, pregando a ressurreição de Dom Sebastião, um antigo rei, que para eles simbolizava riqueza e fartura. Este bando de fanáticos era guiado por um deles que se se autoproclamou profeta de D. Sebastião e foi investido de poderes por uma "Santa de Pedra"*.

⁵³ Cf. REGO, José de Moraes. Litolatria, culto das pedras no Estado do Pará. Belém, 1983.

⁵⁴ MAUÉS, Raimundo Heraldo. *Revista Enfoque Amazônico*, n. 5, 1984.

⁵⁵ Cf. REGO Jr. José de Moraes. Op. Cit.

⁵⁶ O'GRADY, Joan. *Satã, o príncipe das trevas*. s. l.: Mercuryo, 1991, p. 83.

* Cf. verbete *Sebastianismo*, Dicionário do Folclore Brasileiro.

Uma lenda maranhense fala da cidade d'El-Rei Dom Sebastião, situada na praia dos Lençóis, entre os municípios de Turiaçu e Cururupu. É uma cidade encantada que existe no fundo do mar. Na mesma praia aparece um Touro Encantado que se for atingido na estrela resplandecente que tem no centro da testa, se transformará n'El Rei Dom Sebastião. Os que vão à praia dos Lençóis e os que visitam a pedra do Rei Sabá acreditam que é proibido levar-se qualquer recordação do local", sob pena de alguma punição.

Castigo e punição parece ser coisa freqüente para os que se envolvem com os encantados, mas há também recompensas para os corajosos. É o que encontramos na história que fala da princesinha encantada que, numa versão apresentada por Heraldo Maués, é filha do Rei Sebastião. Para ser desencantada, a jovem princesa necessita da ajuda de um pescador, a quem apareceu como uma linda moça loira prometendo um valioso dote além de desposá-lo se ele puder libertá-la da maldição. Para livrar a princesa do seu fado o pescador deveria ir sozinho, à meia-noite, armado de afiada faca, para uma determinada praia e esperar pela terceira grande onda, que seria a princesa transformada em cobra - e aqui o relato passa a ser idêntico ao de Cobra Norato -. Quando a onda chegasse o pescador deveria golpeá-la, cortando a couraça escamosa da gigantesca criatura, e libertar assim a princesa. Mas, ao deparar-se com o corpo da enorme serpente o pescador fugiu apavorado "ouvindo ainda - escreve Maués - uma voz que dizia: Ah, ingrato, redobreste meus encantos!" Dizem que o desventurado caboclo, por não conseguir cumprir o prometido, foi acometido de um mal que nenhum remédio de farmácia ou meizinha, nenhum doutor ou pajé puderam dar jeito, morrendo pouco depois.

Coutinho de Oliveira é outro que nos fala em seu Folclore Amazônico de uma princesinha que vive encantada num lago do município de Maracanã, no Pará. Há também a lenda do Lago Encantado do Guajará, no Marajó, que o pesquisador e folclorista Ararê Bezerra⁵⁷ registra como sendo o local onde existe uma cidade submersa, habitada pelos encantados e "bichos-de-corda". Lá existe um fabuloso tesouro escondido e um rei que governa a região, porém, explica Ararê, que "pajés e experientes dizem que a revolta de pessoas gananciosas é que impedem de ser desencantado o lago, porque o desejo de posse da riqueza submersa e encantada gerará conflitos, trazendo morte para os invasores".

As lendas referentes a Castelos e Cidades Encantadas, ilhas Misteriosas, Princesas e reis enfeitiçados, tesouros escondidos e botijas cheias de ouro, são de origem portuguesa. Essas lendas do chamado ciclo dos tesouros escondidos e as que constituem o ciclo costeiro, ou relativo a costa, são contribuições do folclore europeu e evidenciam a força e o poder de sedução do elemento europeu sobre o nativo, pois nossos indígenas não conheciam, absolutamente, tais imagens.

As histórias não param ainda; há as que falam da Praia do Sino e de Vila Pedra, em Irituia. Em ambas, as pessoas afirmam ouvir vozes humanas e de animais, ruídos e sons diversos, repicar de sinos, etc. Já Osvaldo Orico⁵⁸ faz alusão "an passant" a cidades submersas, situando uma às "margens dos lagos e rios de Marapanim" litoral paraense da região dos salgados, que segundo Ararê é uma das áreas de maior magia e poder energético. Orico informa que essa cidade encantada tem o nome de Maiandeua, sendo uma prova "da passagem dos índios Maia por estas latitudes."

57 BEZERRA, Ararê. Op. cit. p. 37.

58 ORICO. Osvaldo. Op. cit. p. 214-16.

A possibilidade da existência de cidades submersas ou subterrâneas, "encantadas"; longe de parecer delírio de mentes sugestionáveis e incultas, é objeto de pesquisas de estudiosos sérios como Raymond Bernard⁵⁹, autor de um livro no qual busca provar que a terra "não é uma esfera sólida, mas oca como um côco, comunicando-se com o exterior pelas aberturas nos pólos". Nas páginas 56 e 57, Bernard nos apresenta o relato de uma testemunha que visitou o mundo subterrâneo, penetrando casualmente quando navegava por um dos pólos. Descreve ele uma "região fantástica, habitada por gigantes", uma terra rica e exuberante com fauna e flora próprias. O autor levanta a hipótese de serem os OVNI's oriundos dessa civilização intraterrena.

Cidades escondidas, mundos "mágicos", habitados por criaturas maravilhosas, etc., também estão presentes nos relatos de nossos nativos e caboclos amazônidas. Falam eles de pessoas que "desaparecem" ou são "raptadas" e quando retornam contam do que viram e aprenderam no "mundo encantado" para onde foram levados. As entradas para esses mundos extrafísicos, segundo dizem, são os buracos na terra, as cavernas, fundos de igarapés, ilhas e rios. Por isso, é comum a crença em que as pessoas que morreram afogadas e o corpo não apareceu, ficaram encantadas. Dizem também, que as pessoas que sentem vontade de se atirar n'água - não é de tomar banho, mas de se jogar no rio - estão enfeitiçadas pela "gente do fundo".

59 BERNARD, Raymond. *A terra oca: a descoberta de um mundo oculto*. Rio de Janeiro: Record 1969.

NAVIOS FANTASMAS

As lendas a respeito de navios fantasmas fazem parte do folclore dos sete mares. Um clássico é o caso do "Flying Dutchman" ou "Holandês Voador". A característica desse como de quase todos os outros barcos fantasmas é que eles navegam no céu, são vistos voando. Na Amazônia, contudo, não há registros de “navios fantasmas” avistados no ar.

Na bibliografia que compulsamos as referências aos "navios fantasmas" estão nas obras de Coutinho, Hygama e Einar da Costa. Este último, falecido em 1992, foi um velho prático que por 40 anos conduziu e orientou todo tipo de embarcações pela bacia hidrográfica da Amazônia. É dele o trecho a seguir:

"Dezenas de 'casos' são narrados e conhecidos e ficamos sem poder duvidar da verdade. Durante quarenta anos de serviços profissionais pelos rios da Amazônia, muitas vezes navegando a bordo de modernos navios com Radar capaz de identificar alvo que esteja a 30 centímetros sob as águas do rio, de pronto ficávamos na expectativa do cruzamento com o "Alvo" que se movia como se fora uma embarcação normal, com seus faróis de navegação corretamente postos e acesos, de repente tudo desaparecia no momento exato que se daria o cruzamento. "60

Ao que nos parece, os navios que fazem “visagem” pelos rios hileanos, devem sua existência a dois fatores importantes: um é o naufrágio, isto é, a “morte do navio”, que tanto pode ser provocada pelas “piranhas”, que são amontoados de troncos dentro d’água, como pelas pedras, pelos fortes ventos ou por falha humana e ganância do comandante ou dono do navio. O outro fator é que no sinistro deve haver perdas humanas, significa dizer que, para ser um autêntico “navio fantasma”, é necessário que nele tenha havido diversas mortes, como aconteceu durante as revoluções de 1924, 1930 e de 1932, quando foram afundados diversos barcos a canhoneiros, morrendo muita gente.

60 DANTA, Einar da Costa. Op. cit. p. 114.

*Durante a última década do século XIX, aconteceu a “grande onda de Barcos Aéreos” nos céus da América do Norte. Na Escócia, em 1913, apareceu um barco-voador fantasma, e em 1959 uma aparição semelhante surgiu nos céus da Papua, Nova Guiné. Esses casos enriquecem a literatura ufológica.

CY ou CI (MÃE)

Eis uma espécie de mito paralelo, provavelmente originado do antiqüíssimo culto à Mãe Terra ou Grande Mãe, e que serviu de base aos primeiros e mais importantes cultos pagãos e, por desdobramento, deu origem às religiões e seitas atuais onde a figura feminina é reverenciada e cultuada.

A terra sempre foi venerada pelos primitivos de todas as regiões do mundo como uma criatura ou entidade dadivosa e responsável pela vida. "A terra é nossa mãe", escreveu o chefe Seattle em 1855, respondendo a proposta apresentada pelo então governo americano, que desejava comprar as terras pertencentes aos índios. Esta, que é conhecida como **A Carta do Chefe Seattle**, é um dos mais belos textos ecológicos e holísticos que já li, um poema de profundo amor e respeito à Natureza, uma lição de sabedoria ministrada por um "selvagem".

"Para os indígenas - escreve o erudito e sobejamente citado folclorista Luís da Câmara Cascudo - todas as coisas, entidades e forças têm origem feminina, uma mãe, a Ci". Dai encontrarmos alusões freqüentes à Mãe D'água, Mãe da Chuva, Mãe do Mato, Mãe da Lua, Mãe da Noite, do Fogo, da Macaxeira, etc.

Nota-se claramente a necessidade que o selvagem tinha de determinar a origem de tudo que pudesse perceber, fosse pelos seus sentidos físicos, fosse originado na sua imaginação - uma faculdade grandemente desenvolvida no indígena - e essa origem, via de regra, passava pela imagem da figura materna. Em outras palavras, o raciocínio do íncola funcionava segundo uma lógica aristotélica: Se existe, então tem urna mãe! Isso demonstra que os índios já tinham a compreensão de que para cada efeito há uma causa, e que não pode existir um se não houver a outra, ou seja, eles já possuíam o conceito místico de que "nada acontece por acaso".

Se para uns as coisas nasceram de uma Ci, para outros foi de um buraco; o que não deixa de estar em relação, por motivos óbvios, pois de um buraco no chão nascem os vegetais; os bichos vivem e se reproduzem num buraco; e de um buraco no corpo da mulher surge um novo ser. Foi de um buraco no céu, diz uma lenda Ianomami, que os índios desceram à terra. Essa lenda, por sinal, é uma versão autóctone para o que a Bíblia chama de "a queda do homem".

TERCEIRA PARTE

O MITO, OS ELEMENTAIS E OS EXTRATERRESTRES

Este capítulo não pretende ser mais que uma abordagem despretentiosa sobre os seres elementais ou “espíritos da natureza” e alguns mitos que podem ter-se originado a partir deles. Acreditamos que muito do nosso folclore mítico deve-se às visões e contatos dos primitivos com esses seres da natureza, guardiões dos reinos animal, vegetal e mineral. Os indícios são diversos e convincentes, como também são os relacionados com outro tema controverso: a Ufologia e os seres de outro planeta ou extraterrestres.¹

Alguns estudiosos, místicos e ocultistas, distinguem elementais de elementares, e nessa última categoria entrariam nossos festejados Curupira, Caapora, Saci, Iara, entre outros; já por elementais entendem as energias sutis que conferem aos quatro elementos - terra, água, fogo e ar as características inerentes a cada um deles. Em outras palavras, sem a presença dos elementais, os quatro elementos não existiriam e nem suas emanções e modelações se processariam sob controle. Com isso, quer-se dizer, por exemplo, que sem a presença das Salamandras, que são os seres ligados ao elemento fogo, uma queimada tão comum na Amazônia, pode sair do controle e o fogo se alastrar desastrosamente: ou ainda, sem o controle e auxílio dos Floros; protetores da flora e dos Elfos, ligados ao solo, a floresta desaparecerá fatalmente.

Mas tudo isso para os materialistas, não passa de invencionices; histórias que os antigos inventaram para distrair e embalar as crianças. Todavia, se não se pode ver alguma coisa, não significa necessariamente que ela não exista. Os cientistas modernos, principalmente os físicos que trabalham no mundo do sub-atômico, e os astrônomos, que pesquisam o infinitamente grande, atestam a existência de uma partícula invisível ou comprovam a presença de um corpo celeste, também invisível, baseando-se apenas em cálculos matemáticos, em equações. Le Verrier não precisou *ver* o planeta Netuno, distante cerca de 4,5 bilhões de quilômetros da Terra, para descobrir que ele existia e saber sua exata posição no espaço. Tudo que fez foi, tão somente, observar o comportamento de Urano e utilizar as leis de Kepler que regem a mecânica celeste, ou seja, cálculos e equações. Vemos assim, que os mais simples dos conhecimentos podem revelar os segredos mais obscuros.

Também são incontestáveis as evidências sobre os seres humanóides cuja origem é atribuída a outros mundos, outras galáxias e mesmo a outros universos, universos paralelos. Há vestígios de passagem dessas criaturas pela terra há milhares de anos a bordo de seus Discos Voadores ou UFOs - Unidentified Flying Object - e aqui retomamos uma questão apresentada no início deste volume e que aborda a possibilidade de serem os nossos deuses da natureza e mesmo da teogonia, transliterações dadas aos tripulantes dessas naves exobiológicas.

Existe entre alguns humanóides extraterrenos e os seres que Paracelso afirmava serem a contra-parte invisível da natureza e responsáveis pela constituição física e sutil da matéria, uma sensível semelhança, forte o suficiente para exigir um estudo mais acurado, mais detalhado.

1 cf. THOR, Antonio J. & BEZERRA, Ararê M. Op. cit.

E há, ainda, uma similitude significativa em relação às sensações e efeitos produzidos no indivíduo que entra em contato com tais criaturas, sejam do espaço sideral ou espírito da natureza.

Alguns relatos colhidos na casuística ufológica nos mostram que após o contato entre humanos e ETs, os primeiros sempre mostram algum tipo de distúrbio biológico; sentem tonturas, astenia e cefaléias, bem como enjoos e febres sem motivos aparentes, que os prostram por dias numa cama. E me parece que o depoimento do Sr. Eufrásio*, que teve um contato com um estranho ser em plena floresta, durante uma caçada ao veado, apresenta todos os elementos de um contato dito do terceiro ou quarto grau.

Um outro exemplo dentre os muitos que se têm notícias, é o do Sr. João Batista Souza², fazendeiro do Maranhão, que vivenciou um contato de terceiro grau com um UFO-nauta que tinha o "corpo totalmente peludo". João Batista "foi encontrado desacordado pelos filhos que o conduziram a casa, onde permaneceu acamado por vários dias, sem forças para se levantar".

O senhor Eufrásio acredita ter tido um encontro com um ser da natureza encarregado da fauna. um duende feminino infantil talvez, um habitante do mundo mítico amazônico, enfim, uma entidade das matas; contudo a intensa luminosidade que ele afirma ter avistado e que clareou tudo ao redor como se fora dia, é mais um indicio da presença de um ET do que de um ente fabuloso. Tal experiência pode muito bem ter se processado com os selvícolas primitivos e originado algumas das lendas e mitos que conhecemos.

2 GIESE, Deniel Rebisso. *Vampiros extraterrestres na Amazônia*. Belém: Falângola, 1991. p.32-33.

** Cf. p.49, neste volume.

CONTATOS COM ELEMENTAIS OU COM UFONAUTAS?

A experiência de Von Däniken³ no campo da pesquisa ufológica e da presença de extraterrenos entre nós já não é mais ridicularizada ou diminuída como antes, ao contrário. Apesar de as pesquisas sobre os UFOs e ETs nem sempre permitirem clareza de opiniões entre os próprios pesquisadores e UFólogos, queremos patentear aqui nosso profundo respeito pelo assunto. A questão que nos deparamos hoje não é a de crer, mas de aceitar a existência de uma outra realidade totalmente fora de nossa compreensão; essa mesma realidade em que vivemos é distorcida pela nossa própria visão, o que equivale a dizer que o cérebro de cada indivíduo tem comportamentos distintos em relação a um determinado acontecimento. A língua é outra fonte de distorção, daí que devemos colher e registrar todas as informações possíveis com o mesmo cuidado que um arqueólogo recolhe fragmentos. E em se tratando dos elementais e extraterrestres os fragmentos são os mais diversos e esparsos.

“Os povos pré-incaicos - escreve Von Däniken⁴ - em suas lendas religiosas dizem que as estrelas são habitadas e que os 'deuses' desciam até eles vindo da constelação das Plêiades." Notemos que na astronomia dos índios sulamericanos, Ceucy transformou-se na mais bela das Plêiades, e tão importante tornou-se que deu nome à própria constelação. Em relação a Ceucy, Ernesto Cruz⁵ escreveu que "... o corpo de Ceucy, reanimado e iluminando-se de uma fulguração estranha subiu ao céu." Considerando que Ceucy era a mãe do Jurupari e que o autor tenha recolhido essa informação em fontes antigas, podemos supor que os antigos e primitivos narradores tenham presenciado, de alguma forma, um fenômeno semelhante. Na mesma página, mas um pouco antes de Ceucy, Ernesto Cruz escreveu: "... Jurupari, que veio voando em fogo *uitú alísio*...". Fogo todos sabemos que é relativo ao fogo, luminoso, brilhante, etc. Alísio é um adjetivo meteorológico para vento, mas *uitú* não podemos precisar o que seja.

Métraux⁶ informa que para os Omágua ou Cambéba, tribo do alto Amazonas, o Astro-rei era conhecido por “CHISE”, que significa estrelas. Eles acreditavam que os deuses habitavam as estrelas.

Há vestígios por toda mítica ameríndia da presença de "deuses astronautas". No verbete Poronominare, o Dicionário de Folclore Brasileiro dá-nos uma informação que pode ter algo de ufológico. Cascudo nos informa que Poronominare é uma divindade integrante do ciclo das lendas heróicas cuja origem é atribuída aos índios da Venezuela, mas tornou-se muito conhecido na bacia do rio Negro. Ele e seu fiel companheiro Iure estavam no alto de uma serra, cercados de inimigos prontos a dar cabo deles - deixemos que Câmara Cascudo conclua:

³ DÄNIKEN, Erick von. *Eram os deuses astronautas*. S. Paulo: Círculo do Livro, 1984. ⁴ Id.Ibid.p.74.

⁵ CRUZ, Ernesto. *Na terra das igaçabas*. Belém: Gráfica do Instituto Dom Macedo Costa, 1935, p. 37-38

⁶ MÉTRAUX, Alfred. in *História da Igreja na Amazônia*. 1992, p. 37.

"Iure estava sentado junto dele, tinha os olhos fechados, falava em seu coração. Aquela gente, que estava pela costa da serra tremia de medo, perto da sua cabeça *estrandava o trovão**. Ai já mesmo, contam, sem ninguém *saber como, aquela gente dormiu*. Desde esse dia ninguém mais viu Poronominare e Iure por estas terras."

Essa lenda é muito semelhante a outra de origem Kaiapó, recolhida em 1962 por João Américo Peret⁷, que a publicou num artigo intitulado "O índio que veio do espaço". A lenda fala de Bep-Kororoti, uma criatura que surgiu na aldeia dos índios trajando uma vestimenta parecida com a dos astronautas modernos e, portanto, uma *borduna trovejante*. A "kop" ou borduna trovejante tinha um poder imenso e um efeito devastador quando manipulada pelo guerreiro supostamente espacial. "Para mostrar o seu poder bélico, de vez em quando apontava sua bordura trovejante para uma árvore ou pedra, destruindo-as totalmente. " Por outro lado as armas dos índios se desfaziam em pó ao tocarem no traje espacial de Bep-kororoti, dando-nos a impressão de que existia um forte campo de força protegendo-o.

A reportagem continua informando que, embora tendo ajudado o povo da aldeia, o herói vê-se acusado pelos antigos companheiros, com o que é obrigado a travar violenta luta, mas "Bep-Kororoti não usou suas armas, mas as vibrações que emanavam do seu corpo derubavam grupos inteiros de guerreiros, desacordados". A luta prossegue e o herói vai recuando até alcançar o alto da serra de Pukatoti, quando "de repente, num estrondo violento que abalou toda região, subiu para o espaço, envolto em nuvens flamejantes, fumaça e trovões".

Quem está acostumado com a literatura UFOológica encontrará facilmente na leitura acima, sinais claros da presença de extraterrestres influenciando nossos autóctones e dando origem a lendas e mitos. Os indícios da presença de uma cultura avançada na Terra chegam a casa dos milhares de anos e estão nos milhares de livros sobre o assunto UFOs. Mas se temos tantas informações sobre a passagem e intervenção de seres extraterrestres nas culturas antigas de nossa humanidade, o mesmo não se dá com os chamados "elementais", seres ou energias que trabalham para a formação e modelação do nosso planeta. O estudo desse tema está mais restrito a área considerada esotérica, e foi nesses mal trilhados caminhos que buscamos as informações que nos permitirão ter uma idéia do que vêm a ser essas energias sutis imanentes em toda natureza. Para Figanière⁸, grande ocultista português, o conceito de elementais é o seguinte:

"Estes seres chamam-se elementais ou espíritos da natureza por se acharem associados com os cinco elementos em que os ocultistas dividem o estado. [...] os elementais são formas astrais que participam do elemento a que pertencem... os elementais são forças sutis extrínsecas e semiconscientes."

No seu glossário, o Visconde de Figanière apresenta-os como "entidades imperfeitas, correlatadas com a luz astral, força semiconsciente da natureza." De resto, este nobre intelectual lusitano é prolixo por demais para os não iniciados e mesmo àqueles pouco familiarizados com a filosofia oriental e a teosofia. Por outro lado, temos um estudioso e

7 PERET, João Américo, O índio que veio do espaço. *Revista Planeta*. Ed. Três (Série Os Grandes Enigmas 4).

* A esse respeito ver: THOR, Antonio J. & BEZERRA, Ararê M. *Amazônia: Símbolo, Enigma e Astronautas*. Esc. Salesiano do Trabalho Editora. Belém, Pa. 1977.

pesquisador nesse terreno bem mais perto de nós e inserido na cultura e nas coisas da Amazônia; é o professor paraense Antonio Jorge Thor, autor do livreto “*Introdução à Teoria dos Elementais*”, citado no capítulo referente à Iara, neste volume.

Segundo Thor, esses seres habitam no chamado “inframundo” e que por isso mesmo não são perceptíveis pelos “olhos comuns”, entretanto, o permanente contato de uma pessoa com a Natureza pode aguçar uma sensibilidade paranormal, desenvolvendo nela sentidos atrofiados e permitindo perceber o mundo sutil que nos rodeia e os seres que nele habitam. Essa sintonia, que provavelmente era muito maior no passado, tende a ser mais afinada no homem do mato, no elemento folk, máxime no habitante de uma região ainda selvagem, agreste, bárbara, como a região Amazônica, onde o manto aquático que a cobre é o habitat de inúmeros seres cuja percepção está além dos nossos sentidos físicos. Num selvagínio esses sentidos não estão obliterados como os de um indivíduo que vive na turbulência das cidades grandes, afastado de uma vida natural, com os olhos acostumados à luz artificial e com os ouvidos sensíveis apenas aos ruídos e barulhos da máquina da civilização e moucos aos sons orquestrados por este sistema altamente complexo que é o organismo do Ser Natureza que é o nosso mundo.

O homem moderno torna-se cada vez mais dependente da tecnologia e afastando-se assim das coisas simples e elementais, ele dificulta ou impede uma relação com esses obreiros invisíveis da natureza; relação esta que só pode lhe ser benéfica. Por desconhecer a teia invisível que sustenta e mantém em equilíbrio o mundo manifestado ou por querer continuar ignorando-a, o Homem prossegue em sua caminhada destrutiva, inexoravelmente auto-destrutiva.

Já dissemos antes que o progresso é mitofágico e acrescentamos que também é culturicida (além de contribuir para romper a estrutura bio-energética na qual estamos Inseridos), porém não estamos querendo pregar um retorno ao tempo do lampião de gás. O fato que observamos é que quando se instalava luz elétrica num lugarejo, vila ou comunidade interioranas, a presença dos elementos que compõem a narrativa mitológica regional diminuía, e às vezes, desaparecia. O que acontecerá quando o progresso se instalar completamente por toda Amazônia? Nossos mitos e os seres que ajudaram a criá-los serão extintos? Essas criaturas incorpóreas que ajudam no crescimento das plantas e árvores, na proteção da população animal e do mundo aquático serão expulsos para bem longe? Não o sabemos, mas o fato é que a mata sem seus guardiões e protetores estará condenada... e com ela o homem.

UMA BREVE ABORDAGEM ECOLÓGICA

No capítulo anterior tivemos, sem querer, um encaminhamento para este tema tão em voga ultimamente e sobre o qual tantas bandeiras se asteiam que temo vê-lo transformar-se em simples modismo e instrumento de conveniência do capitalismo. Mas como falar da Amazônia sem esbarrar na questão ecológica? Assim esse capítulo vai como um suplemento do anterior.

Partindo de textos bíblicos - Exôdo, 20:8-11; Dt. 5:12-15; Nm. 4:22 ss - e tamúldicos, Erich Fromm, no último capítulo de seu livro "A Linguagem Esquecida...", propõe uma releitura dos símbolos contidos no ritual sabático mencionado no Antigo Testamento. Diz ele:

"Uma análise mais pormenorizada do significado simbólico do ritual sabático mostrará que estamos tratando não com um obsessivo rigor exagerado, mas com uma concepção de trabalho e repouso diversa da nossa."

Para ele "trabalho" é qualquer interferência construtiva ou destrutiva que o homem realiza no mundo físico; enquanto "descanso" pode ser entendido como um estado de paz entre homem e natureza.

Com base nessa interpretação podemos concluir que o ritual de "guardar o sábado", além de uma evidente medida de "higiene social", é também uma evidente advertência ecológica. Sem embargo, as citações bíblicas seriam, já, os primeiros registros que se tem notícia de uma tentativa de desenvolver uma consciência e preocupação com a conservação e preservação do meio ambiente. Não nos importa aqui o dia em si, isto é, o sábado, mas sim o fato de já existir há mais de dois mil anos, uma alusão aos problemas provocados pelo desequilíbrio entre o homem e a natureza. Isso fica-nos patente quando Erich Fromm conclui que "assim como um homem não deve interferir ou modificar o equilíbrio natural deve abster-se de alterar a ordem social".

O significado dos textos evangélicos podem ser entendidos como uma ordenação para que, pelo menos uma vez por semana, o homem pare com sua agressão às coisas da natureza e reverencie a toda Criação. Essa consciência de que a Natureza é algo mais que árvores e bichos já a tinham as antigas civilizações da Grécia, Roma, Egito, Índia e China, que faziam diversas oferendas e sacrifícios aos seres incorpóreos presentes em todas as manifestações da natureza. O filósofo e alquimista Paracelsus também compartilhava dessa crença e defendia a existência de uma substância sutil, quintessenciada, em cada elemento, mas não perceptível por nossos sentidos normais e instrumentos científicos. E com isso, chegamos à hipótese do biólogo inglês James Lovelock, segundo o qual "tudo se relaciona com tudo" também conhecida como Hipótese Gaia. Para Lovelock a Terra é um gigantesco ser vivo, Gaia, que adquire consciência através da complexa rede nervosa ecológica. O conhecimento de que as energias geofísicas transitam por canais conhecidos por "Leys" e afloram em locais específicos, levou os primitivos à construção e alinhamento de dolmens, círculos de pedras, túmulos pré-históricos, altares pagãos e igrejas medievais. Todas essas atitudes e rituais tinham por objetivo equilibrar as energias telúricas e manter sadio o organismo que as produzia. As construções desordenadas e o desmatamento podem "entupir" esses canais da mesma forma que o colesterol entope nossas artérias e vasos, sanguíneos. Em ambos os casos as conseqüências são desastrosas.

CONCLUSÃO

O presente trabalho constitui uma mais que modesta contribuição à obra de resgate, registro e divulgação dos inesgotáveis símbolos que enriquecem a cultura amazônica.

Foi propósito nosso recolher depoimentos e material bibliográfico mais recentes (sem fugir aos tradicionais, é claro!) e ao mesmo tempo acrescentar algo de novo no cenário regional dessa pesquisa. Sabemos que um povo que lê pouco, fala muito, conta muitas histórias, e resgatar essa oralidade é obrigação não apenas das instituições científicas e culturais, como também das pessoas (artistas, escritores, poetas, compositores, professores, empresários) preocupadas com a herança cultural recebida e com a que deixarão aos seus descendentes.

Acreditamos que os mitos sejam o invólucro de conservação da cultura primitiva e guardam em suas simbologias tudo que essa cultura alcançou. Permitir que desapareçam é contribuir para a degeneração cultural de nosso povo, é colaborar com a ação causticante, corrosiva, do estamento dominante, que visa apenas lucro, acumulação. "E, todos sabemos, para a indústria da cultura não há arte, devoção, tradição ou ritual. Há produtos culturais que interessam à indústria pelo seu valor comercial: vendem? São bons".¹

Para os céticos, coisas como seres míticos, criaturas incorpóreas, elementais, fadas, extraterrenos, magia natural, manipulação de energias mentais ou telúricas, realidades alternativas e mundos paralelos, etc., são histórias absurdas, sem nenhuma fundamentação "científica" que lhes dê um mínimo de consistência e crédito: são frutos de experiências alucinatórias ou de histeria coletiva ou individual. Querem ver para crer. No entanto, alguns trazem na carteira um "santinho", a imagem de sua devoção; outros possuem medalhinhas com imagens sagradas ou um crucifixo presos em cordões de ouro ou prata, que trazem ao pescoço.

Há os que carregam pequenos terços pendurados no espelho interno de seus automóveis. Mais comum ainda é encontrar em quase todas as casas brasileiras, um cantinho ou um lugar especial, reservado para as imagens de seus santos preferidos, de Cristo à Escrava Anastácia e "Padim Ciço". Em todos eles podemos perceber uma cristalina e inabalável fé naquilo que nunca viram.

Se você nunca viu um Saci, um Caapora, uma Matinta, um elemental, um gnomo ou ET, não significa que eles não existam.

1 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 46.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Cícero Nobre de. *Mosaicos de Monte Alegre*. Belém: Gráfica Santo Antônio, 1979.

ARNAUD, Expedito. Os índios Galibi do Rio Oiapoque. in: *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, n. 3, Belém, 1966.

ASSARÉ, Patativa de. *Cante de lá que eu canto de cá*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

BERNARD, Raymond. *A terra oca - a descoberta de um mundo oculto*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1969.

BEZERRA, Ararê Marrocos. *Amazônia, lendas e mitos*. Belém: EMBRAPA, 1985.

_____. *Mitos e lendas da Amazônia*. Belém: DEMEC/ EMBRATEL, 1985.

BITTENCOURT, Gastão de. *O folclore no Brasil*. Salvador: Livraria Progresso, 1927.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRÚZZI, Alcionilio. *A civilização dos indígenas do uaupés*. São Paulo: Linográfica, 1962.

CARVALHO, José. *O matuto cearense e o caboclo do Pará*. Belém: Oficinas Gráficas Jornal de Belém, 1930.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília: INL 1 MEC, 1972.

_____. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1947.

_____. *Coisa que o povo diz*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968.

COELHO, Machado. *O feitiço na literatura, na arte, na vida*. Belém: Imprensa Universitária da UFPA, 1963.

COSTA, Carlos Felipe da. *Manual prático de numerologia através de tarô*. São Paulo: Traço, 1990.

CRUZ, Ernesto. *Na terra das igaçabas*. Belém: Gráfica do Instituto Dom Macedo Costa, 1935.

DÄNIKEN, Erich von. *Eram os deuses astronautas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

DANTAS, Einar da Costa. *Amazonas, rio de muitos nomes*. Belém: Imprensa Naval, 1987.

DIAS, A. Gonçalves. *O Brasil e a Oceania*. Paris: H. Garnier, s.d.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das Mitologias Americanas -incluindo as contribuições míticas africanas-*. S. Paulo. Editora Cultrix/INL-MEC, 1973.

FERREIRA, Alexandre R. *Viagem filosófica pelas capitâneas de Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. s.l.: Conselho Federal de Cultura 1 Imprensa Nacional, 1974.

FIGANIÉRE, Visconde de. *Submundo, mundo e supramundo*. Rio de Janeiro: Ed. Três, 1973 (Biblioteca Planeta, v. 10).

FROMM, Erich. *A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

GALLO, Giovanni. *Marajó, a ditadura da água*. 2^a ed. Santa Cruz do Arari, Marajó: Ed. O Nosso Museu, 1981.

GALVÃO, Eduardo. Aculturação indígena no Rio Negro. in: *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, n. 7, Belém, 1959.

HYGAMA. *Contos e lendas paraenses*. Belém: J. B. dos Santos e Cia, 1900.

JABOUILLE, Victor. Iniciação à ciência dos mitos. in: *Cadernos Culturais*. Lisboa: Inquérito Ltda, 1986.

JUNG, Karl G. *Arquétipos e inconsciente colectivo*. Buenos Aires: Paidós, 1972.

LADISLAU, Alfredo. *Terra immatura*. Belém: J. B. dos Santos e Cia, 1923.

LAPA, J.R. do Amaral. *Livro da visitação do Santo Ofício da inquisição ao Estado do Pará*. São Paulo: Vozes, 1975.

LEWIS, Ralph M. *Introdução á Simbologia*. AMORC, 1982.

LIMA, Zeneida. *O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave*. Belém: CEJUP, 1992.

MAHIEU, Jaques de. *Os vikings no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. Encantados e pajelança na crença Cabocla. In: *Revista Enfoque Amazônico*, ano II, n. 5, Belém: EDIGRAM Ltda, 1987.

MENSAGEIRO (Jornal). Estudo n. 4, 52^a ed. s. 1., s. d.

MEACIER, Mario. *O mundo mágico dos sonhos*. Rio de Janeiro: Pensamento, 1980.

MICELI, Paulo. O mito do Herói Nacional. s.l.: Ed. Contexto, 1988.

MIRADOR, Enciclopédia Internacional, v. 14.

MOREIRA, Eidorfe. *Obras completas*. Belém: CEJUP, 19. v. II.

MOURA, Ignácio de & SILVA, Estephanio. *Vultos e descobrimento do Brasil e Amazônia*. Belém, 1900.

NÉRI, Frederico José de Santana. Barão de Santana Néri. *O país das Amazonas*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 1979 (Coleção Reconquista do Brasil).

NIMUENDAJU, Kurt. *Os Apinayé*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1983.

O'GRADY, Joan. *Satã, o príncipe das trevas*. São Paulo: Mercúrio, 1991.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. *O mundo encantado e maravilhoso dos índios Mura*. Belém: Falangola, 1984.

OLIVEIRA, José Coutinho de. *Folclore amazônico*. Belém: Ed. São José, 1951, v. 1.

ORICO, Osvaldo. *Mitos ameríndios e credences amazônicas*. R.de Janeiro: Civilização, 1975.

PAULA, Ana Maria T. de. *Mitos e lendas da Amazônia*. Belém: DEMEC1EMBRATEL; 1985.

PERET, João Américo. *O índio que veio do espaço*. in: *Planeta*, n. 4. São Paulo: Ed. Três, 1985.

REGO JÚNIOR, José de Moraes. *Litolatria, culto das pedras no Estado do Pará*. Belém: Edição do Autor, 1983.

REVISTA PLANETA (diversos números), s.l. anos de 1981 a 1986:

RIBEIRO, Maria de Lourdes B. *O folclore*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME/BLOCH, 1980. (Biblioteca e Cultura, v. 4).

SANTOS, Yolanda L. dos; BARRACO, Helena Bullota; MYAZAK, Nobue. *Ritos dos índios brasileiros (Xinguano e Cadiwéu)*. São Paulo: EBRAESP, 1975. Textos).

TEJO, Orlando. *Zé Limeira. Poeta do absurdo*, 5^a ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980. (Coleção Machado de Assis, v. 38).

TEOBALDO, Miranda Santos. *Lendas e Mitos do Brasil*. 8^a ed. S. Paulo. Ed. Nacional, 1985.

THOR, Antonio Jorge. *Introdução á teoria dos elementais*. Belém: Edição do Autor, s. d.

THOR, Antonio Jorge & BEZERRA, Ararê M. *Amazônia: símbolos, enigmas e astronautas*. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1977.

VERISSIMO, José. Tradições, crenças e superstições amazônicas. in: *Revista Amazônica*, v.1

VILLAS BOAS, Orlando & VILLAS BOAS, Claudio. *Xingu, os índios, seus, mitos*. 7.^a ed. Porto Alegre: KUARUP, 1986.

ZOROASTRO, Dr. *Dicionário de satanismo: deidades afro-brasileiras demonologia*. São Paulo; Tecnoprint, 1983.

RESUMO BIOGRÁFICO

FRANZ KREÜTHER GALVÃO PEREIRA, filho do escritor, professor, poeta, historiador e arqueólogo **Waldick C. Pereira** e **Margarida Acácio Galvão Pereira**. Nasceu em Maceió-Al, em 15/10/52, no bairro de Pajuçara, e com cerca de 1 ano mudou-se com os pais para Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro.

Na amada terra iguaçuana viveu até os 28 anos. Serviu o Exército em 1971, na Cia. de Comunicações da Brigada de Paraquedistas do Exército (na Vila Militar de Deodoro/RJ). Fez Licenciatura Plena em Física na Universidade de Nova Iguaçu-UNIG, em 1979.

No Estado do Pará desde 1980, é educador da rede pública estadual, lecionando Física, Matemática e Informática Educativa (no Dep. de Informática e Educação-SEDUC). Pós-graduado em Educação e Problemas Regionais (UFPA) e Informática e Educação (UEPA).

É membro efetivo do **Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu**, da **Comissão Paraense de Folclore**, da **Academia Paraense Literária Interiorana** (cadeira 19), do **Instituto Paraense de Parapsicologia**, entre outras instituições.

Poeta bisexto, participou de vários festivais, dentre eles o III e V Festival de Poesias do SESC-Nova Iguaçu (3.^o e 8.^o lugares, respectivamente), e II Concurso Nacional de Poesias (revista “Brasília” e União Brasileira de Escritores - recebeu Menção Honrosa).

Premiado pela Academia Paraense de Letras (1.^o lugar-prêmio Giorgio Falângola) no Concurso Folclore Amazônico-1993, com a obra **“Painel de Lendas e Mitos da Amazônia”**, publicada pela Gráfica Falângola, 1994 (esgotada). Fez palestras sobre o aproveitamento do lendário regional como recurso pedagógico no ensino fundamental.

Tem os seguintes trabalhos em fase de conclusão e acabamento: **O Tesouro dos Cabanos** (Ficção- aventura juvenil), **O Olho do Jurupari** (Ficção, aventura juvenil), **Lobisomem, Matinta & Cia** (“causos” recolhidos) e **São Jorge & o Astronauta** (contos).

- Publicou o artigo “Mamãe, me conta uma história”, para o **Jornal de Ananindeua**, maio de 1996, e diversos artigos para os Boletins da **Comissão Paraense de Folclore**.
- Participou do **VI Concurso de Contos do Norte**, promoção do Núcleo de Artes da Universidade Federal do Pará-UFPA, com o conto **“São Jorge & o Astronauta”**, selecionado e publicado na coletânea do concurso, em 1999.
- Escreveu a orelha do livro **“As Feiticeiras de Faro -Contos e Cantos”** do contista e poeta **Julio Maria**. Belém, 1997